

378.4(817.4) (db)
DE 10260903

ESTRANGULADA E NUA NO RIO

PEDIDA A CASSAÇÃO DE PELE

NOTÍCIAS
TERREMOTO ABALOU A IUGUSLAVIA
BRASIL PROMETE: VAI ESTRACALHAR O ZAIRE
"DITO COROA" E

DOMESTICA GESTANTE TERA ESTABILIDADE

NOTÍCIAS
MUNDANA PASSAVA CHEQUE SEM FUNDO DO TALAO ROUBADO

ESFAQUEADO AO DEFENDER SOC

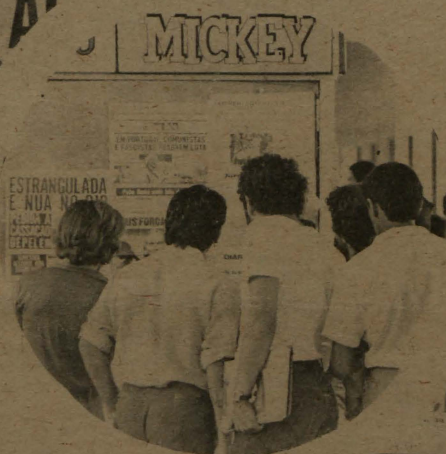
PAI DE JORNALISTA FALA DO ALEI TUMULO E INSELHANÇO

Pedra
A GAZETA

MAIS

Os jornais que costumam destacar em suas manchetes o noticiário policial estão na alça-de-mira. Qual será a nova opção para esses veículos se, efetivamente, for decretada a proibição para o chamado jornalismo sensacionalista ou jornalismo do crime? No Brasil, temos pelo menos meia dúzia desses jornais, com grande circulação, no Rio e em São Paulo, principalmente.

E em Brasília? Como vão os nossos jornais? Os três diários editados na Capital continuam aparentemente com a mesma colocação no campeonato de circulação. Mas, o esforço do "Jornal de Brasília" pela melhoria do padrão da imprensa local poderá levá-lo a uma vitória que certamente não constituirá surpresa para quem acompanha os passos do jornalismo brasileiro. Todos esses aspectos são analisados neste número do "CAMPUS", com base no Seminário de Jornalismo promovido pelo Departamento de Comunicação da UnB.



LHA DE S. PAULO
ação ainda é provável
Foi mudar
cobrança
de imposto
mais um colega

RAZILIENSE

Nixon apóia a democracia em Portugal
Um recorde

DIÁRIO DE BRASÍLIA
db

Brasil não abre mão das 200 milhas na conferência sobre direitos do mar

O ESTADO DE S. PAULO

Brasil discute as 200 milhas

Jornal de Brasília
Cidade

Irregularidades
Rádio Nacional fez concorrência
Mas há dinheiro para pagar a BBC?

Cidades-satélites já com novos administradores. Ontem, a posse

Biblioteca (p.2)

Cinema (p.3)

Indústria (p.4)

Universidade (p.5)

Imprensa em Brasília (p.8-9)

Rádio no Brasil (p.14)

CAMPUS

Universidade de Brasília
Departamento de Comunicação
Projeto 2 **Junho - 1974**

Seu roteiro para a leitura

A localização de um livro na biblioteca exige, antes de mais nada, uma metódica consulta na seção de catálogos, localizada entre os balcões de referências (informações) e de empréstimos, bem em frente à entrada principal. Lá estão arquivadas, de forma sistemática, as fichas correspondentes às obras de todo o acervo bibliográfico — e que podem ser encontradas pelo sobrenome do autor.

Pode-se, no entanto, seguir outros critérios, procurando-se pelo título da obra ou da coleção à qual pertence. Para evitar esquecimento, é conveniente anotar o "número de chamada", que corresponde ao conjunto de símbolos dispostos na parte superior da ficha, à esquerda. A próxima etapa é dirigir-se às estantes, onde as obras estão classificadas de acordo com os assuntos, pelo código universal (CDU). Assim, a classe O, por exemplo, refere-se a generalidades, biblioteconomia e jornalismo; a classe I à filosofia e psicologia, e assim por diante.

A subdivisão dos assuntos — e aí o processo começa a se complicar — obedece a uma escala de números decimais, em que 3 corresponde a ciências sociais, 3.2 a política, 3.2.9 a partidos políticos e 3.2.9.11 a partidos conservadores. Supondo-se que a obra procurada seja "História da Literatura Brasileira", de Sílvia Romero, através do "número de chamada", é possível distinguir, nas estantes, o assunto específico (Literatura Brasileira, História), cujo número é 869.0 (091).

Técnicos da biblioteca não concordam com as frequentes reclamações dos leitores, tachando o processo de "pouco inteligível" e atribuindo essa dificuldade a uma deficiência do próprio estudante brasileiro, "desabitado a consultas bibliográficas até ingressar em curso de nível superior".

O ACERVO

A Biblioteca Central, na parte de generalidades, dispõe de amplo acervo bibliográfico, cujas obras tanto podem ser retiradas, por empréstimo, como consultadas no local — o último caso se refere à seção de enciclopédias, dicionários e coleções especiais. Existe, ainda, a seção de obras raras, incluindo documentos datados até mesmo do século XIV, como os "Diálogos de São Gregório", um dos

poucos manuscritos medievais em conservação no País. No setor de periódicos encontram-se algumas das principais revistas brasileiras e estrangeiras, especializadas nas mais diversas áreas do conhecimento.

Hoje, em prédio novo, a biblioteca já oferece condições materiais favoráveis aos trabalhos de estudo e pesquisa. Afinal, podem ser utilizadas salas de leitura, de reuniões e seminários, além de pequenos compartimentos individuais, livre de ruídos, para os que exigem uma concentração maior. Sem falar nas numerosas bibliotecárias para, entre outras coisas, orientar o leitor no que for necessário à sua consulta.

EXPOSIÇÕES

A Biblioteca Central da UnB, através da Divisão de Auxílio aos Leitores, que coordena todo o serviço de atendimento da Biblioteca, tem promovido diversas exposições, em colaboração com embaixadas e institutos culturais de Brasília. Só nesse primeiro semestre de 1974 já foram montadas dez exposições, sobre temas variados e interessantes. A divulgação das exposições é feita pela Assessoria de Imprensa da UnB.

Durante o período de verão, houve duas exposições da Romênia e da Coreia, respectivamente. Em março, houve mais quatro, destacando-se, entre elas, a dos "Sete Brasileiros e Seu Universo", sob o patrocínio do Programa de Ação Cultural do MEC. Em abril, mais três, inclusive a "BAUHAUS", a mais importante do semestre, patrocinada pela Embaixada Alemã. Em maio houve apenas uma exposição, "28 Jovens Compositores da República Federal da Alemanha", sob o patrocínio do Instituto Cultural Brasil-Alemanha. Para esse mês de junho, está programada mais uma, sobre os cinquenta melhores livros franceses escolhidos pela crítica em 1972, patrocinada pela Embaixada Francesa.

Para o segundo semestre, já estão programadas algumas exposições. Em julho, haverá uma sobre Victor Hugo. Para o mês de agosto, estão programadas mais duas: a primeira, contando com recursos áudio-visuais, sobre o Impressionismo, e a outra sobre um escultor rumeno.

Segundo a Divisão de Auxílio aos Leitores, a frequência às exposições tem sido muito boa.

Preencher o vazio

A indolência que se verifica no sistema universitário brasileiro não condiz com as verdadeiras aspirações de um País em processo de desenvolvimento. Essa situação é facilmente perceptível através do unicandidatismo nas eleições estudantis, existentes nos meios universitários. A falta de representações estudantis autênticas nestes últimos anos (as que existiram foram apenas formais) é uma consequência óbvia da apatia, com que aliás, a despolitização funciona numa interdependência dialética.

Essa apatia tem como resultado imediato a ausência do convívio com a informação extracurricular, o vazio cultural dentro da universidade, a falta de maior relacionamento interno entre alunos e professores e entre os próprios alunos.

O Seminário realizado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, em junho, versou sobre as áreas de jornalismo, cinema e rádio. Uma semana foi dedicada apenas aos dois primeiros. O propósito é incentivar a participação integrada da universidade em problemas destinados a preencher lacunas existentes e à melhoria do nível de ensino do Departamento de Comunicação. Representa uma tentativa de reduzir a apatia e o vazio cultural.

A alta tecnocracia que marca a atual conjuntura, repercutiu diretamente no sistema de ensino universitário, acarretando um refluxo na circulação de idéias em prejuízo de uma formação eclética ideal. A universidade vem sendo transformada numa fábrica de parafusos que se adaptem perfeitamente às necessidades do sistema.

A melhoria da qualidade da universidade tornou-se uma prioridade na Educação Brasileira, desde que se produziu um aumento da oferta de vagas. O retorno ao clima ideal é a participação da classe universitária na vida do País. Faz-se indispensável a volta à circulação de idéias, ao diálogo, à universidade como laboratório criativo, sobretudo no setor humanístico.

É de se esperar que o Seminário tenha contribuído efetivamente para um clima de conscientização das atividades e objetivos do universitário, proporcionando maior integração. Só assim o papel da Universidade será exercido de acordo com a real semântica da palavra.

Armando Sobral Rollemberg
Percival Soares dos Santos

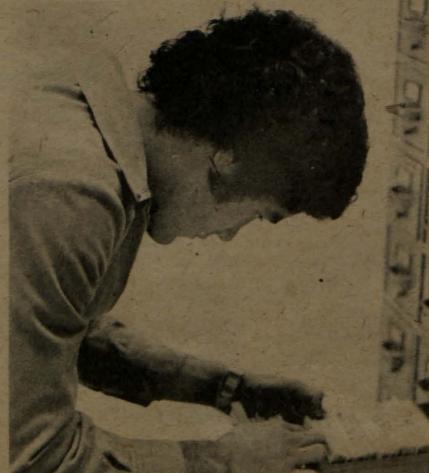
Ineficiente e obsoleto

Construída em simultaneidade com o surto da indústria automobilística nacional, Brasília foi planejada em função do transporte individual e não da coletividade — razão pela qual é hoje criticada por grande número de urbanistas. O projeto Lúcio Costa poderá se tornar ineficiente e obsoleto, tal a importância hodierna atribuída ao papel energético.

Afora seu planejamento inicial, Brasília, na realidade, desenvolveu-se sob as vistas da criatividade individual, sob ângulos estéticos os mais diversos — a maioria ainda sob inspiração das metrópoles, sem atentar para o fato de que a unidade do conjunto constituiria a idéia primeira, a descentralização o cerne do fenômeno Brasília. De uma velhice precoce estimada em 700 mil habitantes, de centro de decisões a pseudometrópole, do disperso estrutural à tendência à concentração urbana, uma borracha já vem apagando parte das linhas de Brasília, desenhada para o futuro e habitada pelo passado. O que se passou a chamar de "centro" da cidade, por ter-se constituído um centro, engloba desde fenômenos de engarrafamento até uma reestruturação em larga escala do modelo formal. Edifícios arquitetonicamente dissonantes "pesam" nas avenidas tidas como principais, a deficiência faz com que o número de ônibus seja insuficiente em sua programação de serviços para atender uma crescente demanda populacional.

Desacreditava-se da Nova Capital, em termos de cidade dotada de mercado próprio, economia independente dos grandes centros que a rodeiam. Uma população escassa e dispersa, formada basicamente de funcionários públicos, preencheria o planalto goiano. De acordo com o projeto inicial, o porteiro de cada bloco residiria em um dos 36 apartamentos. Brasília está cheia de "residências de solteiros", ocupadas por pais de família que deixam temporariamente seu lugar de origem e por parlamentares e homens do mais alto escalão. Surgida da insônia definida por Clarice Lispector, Brasília fecha hoje seus olhos ao Setor Comercial Sul, que concentra em sua área pré-estabelecida um "peso" arquitetônico jamais imaginado por Niemeyer. Deixa cambaleante do cansaço sobre a Via W-3 revestida de uma nova pista, mais ampla e funcional. Abre a L-2 e tem receio de asfaltar a W-1, ligando as diversas superquadras. Sonha com semáforos, assim como no aumento do número de guardas de trânsito. É como querer-se fazer duma superquadra residencial um conjunto de embaixadas, ou do Lago um esgoto, para não mais citar outros exemplos. Mas, depois de uma noite de insônia, nada mais convincente que continuar a sonhar o sonho acordado.

Alexandre Alves Costa Jr.



CAMPUS - Projeto 2

Jornal-Laboratório do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Julho de 1974

PROFESSORES RESPONSÁVEIS

Manoel Vilela de Magalhães (Redação) e Newton Diniz de Andrade (Diagramação).

REDACÇÃO

Maria da Graça de C. Quirino, Roberto Almeida Silva, Stella M. G. Paiva, Eliane Cristina A. Catenhede, Alvaro R. Pereira, Armando S. Rollemberg, Percival Soares dos

Santos, Ciro Marcos Rosa, Rita de Cássia S. Barbosa, Maria Rezilda G. Camelo, Alexandre A. Costa Júnior, Luiz Ricardo M. Menandro, Pedro C. Campos, Sônia Mara de M. Carvalho, Adalardo Nunciato Santiago e Maria L. J. Jácomo.

FOTOGRAFIA

Alain P. Georges Barki

DIAGRAMAÇÃO

Gerolamo I. M. Sales, Sueli França de Moura, Ronaldo Corrêa, Magali M. de Oliveira, Márcia de Figueiredo Evaristo, Rosângela V. Rocha.

304-BL"4" 17 301
Ilhas de Japão

O filme documentário no Brasil, encontra até hoje barreiras que vão desde a fase de produção (o financiamento) até a exibição, (má distribuição e não cumprimento da lei).

O movimento mais importante do documentário brasileiro, teve início em 1960, quando Linduarte Noronha realizou na Paralba, o filme "ARUAN-DA"; Muito destaque se deu a esse documentário, porque o homem do povo e principalmente o homem do campo, surgia nas telas, num retrato sem retoques, mostrando sua miséria e as condições subumanas em que vive no Nordeste. Esta é a opinião de Wladimir Carvalho, cineasta e professor do Departamento de Comunicação — que juntamente com a Câmara de Extensão — realizou mês passado um ciclo sobre "O PANORAMA DO DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO".

Lembra Wladimir, que das manifestações anteriores, muito se deve a Humberto Mauro, que realizou perto de 400 filmes para o antigo Instituto Nacional do Cinema Educativo, numa visão lírica e muitas vezes até convencional.



Wladimir — 10 documentários; 3 Premiados: "Vestibular 70", "A Bolandeira", "Inelência para um trem de ferro"

DOCUMENTÁRIO: profissão de fé

EVOLUÇÃO

Ainda no princípio da década de 60, o sueco Arne Suksdorf, por conta da UNESCO, ministrou um curso no Rio de Janeiro e trouxe para cá a novidade do som direto, que consiste na gravação do som simultaneamente com a imagem. Esse curso foi muito proveitoso para o incipiente movimento documentário no Brasil. Logo após surgiu o filme de Joaquim Pedro "Garrincha, Alegria do Povo", clássico do nosso documentário, e que já possuía uma sequência em som direto. Daí por diante, vários realizadores utilizaram o equipamento de som acoplado às câmaras para melhor captar os temas focalizados.

Em muitos casos os brasileiros conseguem uma feliz combinação do som direto, com as formas mais tradicionais do filme curto. Nessa linha, o produtor Thomas Farkas cercou-se da melhor equipe e realizou uma série que chamou de "Brasil Verdade", que ia desde o cangaço e futebol até a escola de samba e o desemprego. Depois partiu para o Nordeste, onde fez outra série a que chamou de "Condição Brasileira", testemunhando a vida, os costumes e as transformações naquela região. Infelizmente dessa fornada de quase 30 filmes do Farkas, poucos chegaram pelos motivos alegados, ao público brasileiros. A Matéria paga dos jornais da tela e a publicidade desenfreada não deixaram.

Além do Farkas, numerosos outros cineastas vêm lutando para dar continuidade ao movimento do documentário entre nós. Geraldo Sarno, Joaquim de Assis, Ipojuca Pontes, Sergio Muniz, Heinz Forthmann, resistem e agridam na importância do seu trabalho, como fruto dessa profissão de fé.

Ainda recentemente fundou-se no Rio de Janeiro a Associação Brasileira de Documentaristas, que tem por objetivo principal, fazer romper a barreira ainda existente entre os filmes brasileiros de curta metragem e o seu público, fazendo com que eles realmente sejam exibidos nos cinemas, como também, na televisão, da mesma forma como já vêm sendo exibido os longametragem. Isto viria completar o papel do Instituto Nacional do Cinema, que já subvenciona com uma ajuda equivalente a 50 salários-mínimos, cada filme curto que submetido ao seu julgamento, obtém o diploma de CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL.

Mesmo depois de "Aruanda", o documentário no Brasil, percorreu um caminho difícil e tortuoso, principalmente porque não atingia o seu público, por falta de uma lei que o protegesse e obrigasse a sua exibição como produto cultural que é.

No final do Governo Castelo Branco, juntamente com a lei que criou o Instituto Nacional do Cinema, o curta metragem (80% dos curtos brasileiros são documentários) foram contemplados com a legislação que possibilita a sua divulgação compulsória pelos cinemas comerciais. No entanto, a exibição do filme de curta duração no Brasil, tem sido grandemente prejudicada por falta de uma fiscalização à altura. E a maioria dos filmes encontra-se encalhados e inéditos. De raro em raro, um festival possibilita o contato com o público e alguns realizadores conseguem diminuir seus prejuízos ao receber as parcas verbas dos prêmios. Contudo, o curta brasileiro ostenta uma qualidade excepcional, distinguida em festivais internacionais, sobretudo porque está voltado para a sofrida e multifacetária realidade brasileira.

IMPORTANCIA CULTURAL:

O documentário, como parte de uma linguagem profundamente objetiva e convincente, pode ser o instrumento de interpretação de qualquer fenômeno da atividade e do conhecimento humano, podendo veicular e vulgarizar esses mesmos fenômenos, daí a sua importância cultural.

No meu entender, — observa Wladimir — deveria ser intensa a solicitação do cinema documentário no quadro da vida brasileira. Tanto os organismos oficiais como a empresa privada, deveriam incluir em seus planos e projetos a atuação do cinema como elemento dinâmico do conhecimento, podendo não só documentar suas realizações, como interpretar e apontar soluções para os problemas enfrentados. Isto sem pensar na pura promoção comercial, mas, na contribuição cultural, técnica e científica. Aí, o pessoal formado nas universidades, encontraria um campo de trabalho, onde refletiria o sentido de pesquisa, que no fundo é o objetivo da própria universidade.



"A Cantoria" — de Farkas — um encontro de cantadores afamados para uma disputa poética, o desafio



"O Homem de Couro" - Filme de Farkas — onde o vaqueiro é um mito e sua profissão é de alta categoria



Wladimir dirige Cora Carolina em "Vila Boa de Goiás", pronto para exibição

Nossas chaminés estão chegando

Apesar de ter sido concebida para ser um centro eminentemente administrativo, Brasília terá brevemente um centro industrial.

A população do Distrito Federal deveria encontrar seu mercado de trabalho especialmente no setor Governo (federal e local) e parte, ainda, deveria dedicar-se à construção civil. Mas, devido à estrutura sócio-econômica nacional, o DF tornou-se expressivo pólo de atração populacional, fazendo com que massas populacionais se deslocassem de suas regiões de origem para se instalar aqui, beneficiando-se da infra-estrutura social básica, ofertada em condições comparativamente excepcionais no Planalto Central.

A ocorrência desses fatos e de suas consequências fez com que surgisse a necessidade de se criar um suporte industrial mínimo, que atendesse à produção de bens industriais procurados pela população, bem como criar um oferta complementar e mais estável de emprego no Distrito Federal.

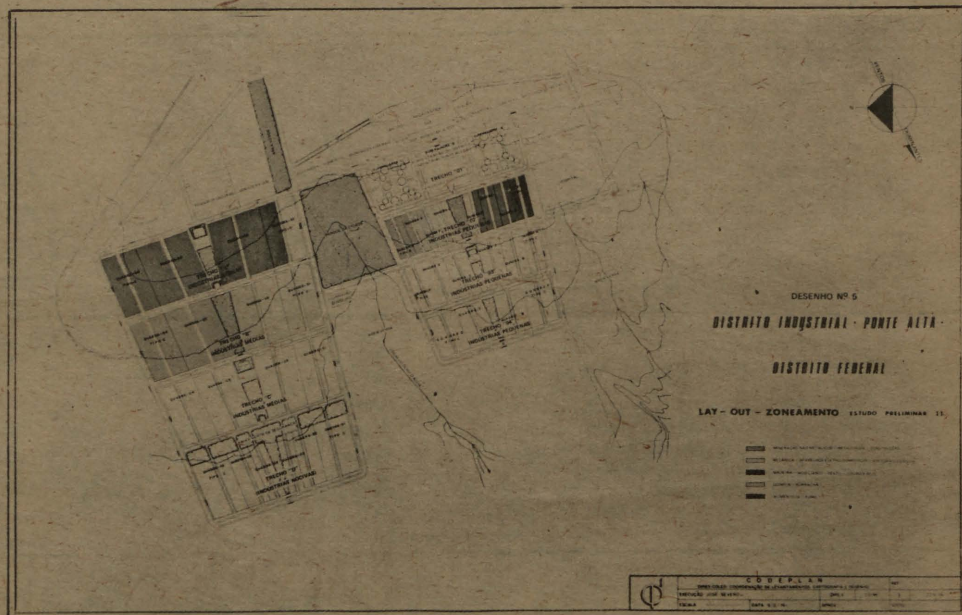
O Distrito Industrial do DF será norteador por princípios fundamentais estabelecidos em bases e critérios diferentes dos adotados para qualquer outro Estado da União. Deverá restringir-se às atividades de interesse estritamente local, e evitar, sob qualquer forma, entrar em conflito com interesses dos estados limítrofes.

A área destinada à implantação do Distrito Industrial de Ponte Alta fica situada a nordeste do Núcleo Satélite do Gama, e a sudeste da Estrada Parque Contorno.

Além de ser um setor central e um habitacional (com área residencial para 75 mil habitantes), o planejamento urbanístico prevê a instalação de setores destinados às indústrias dos tipos mini, pequenas, médias e nocivas.

Considerando o aspecto "poluição", uma análise foi feita, considerando: os odores liberados; a poluição sonora, do ar e das águas; os inflamáveis (e riscos de incêndios e explosões); a incompatibilidade pela proximidade e o tamanho estimado.

Os responsáveis pela elaboração do projeto estabeleceram normas a ser seguidas pelas empresas, com o fim de evitar problemas de poluição atmosférica.



Ramal ligará Gama a estrada de ferro

Alunos do curso de Engenharia Civil da Universidade de Brasília realizaram um projeto de viabilidade técnico-econômica para implantação de um ramal ferroviário ligando a Viação Férrea Centro-Oeste ao Distrito Industrial do Gama. O trabalho valeu como Projeto Final de Estradas do curso e foi realizado no primeiro semestre deste ano.

Para atender os pré-requisitos apresentados, a equipe de alunos, em seu trabalho de campo, escolheu o trecho a ser percorrido pela nova estrada férrea, obedecendo aos seguintes critérios: menor índice de desapropriações, menor volume de obras de artes especiais em linhas de trens, declividades máxima nas tangentes, rampa nas curvas e raio de acordo com normas aceitáveis.

A equipe, formada pelos alunos Ozéas Monteiro de Almeida Filho, Carlos Vicente Ramos Gomes, Divaldo Pires da Cunha, Edivaldo da Silva Barros e Oswaldo Garcia de Araújo, contou com a orientação do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, do Ministério dos Transportes e da Universidade de Brasília.

O início do trecho do futuro traçado ferroviário localiza-se em uma esplanada de ferrovia que liga Brasília a Pires do Rio, na altura do Km 206. O final do trecho localiza-se no Distrito Industrial. O terreno onde correrá o leito ferroviário, não é acidentado e a vegetação da área é característica de cerrado, com árvores de maior porte.

Indústria

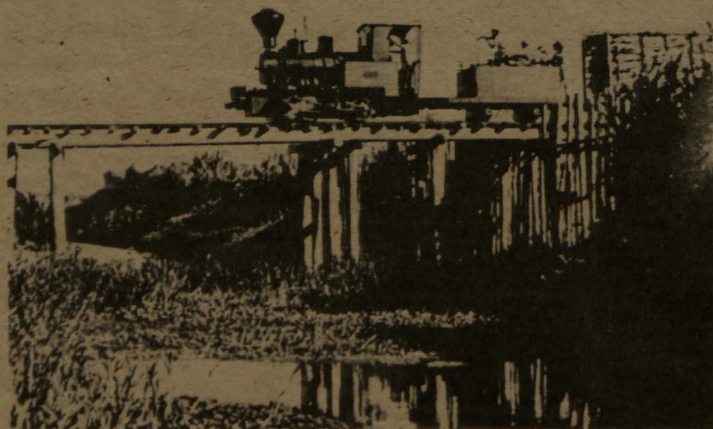
quer físicos

Em conferência realizada para os calouros de Física, o chefe do departamento disse que o mercado de trabalho para o Físico está aberto no magistério e na pesquisa científica, começando agora a insinuar-se uma demanda de físicos para a Indústria.

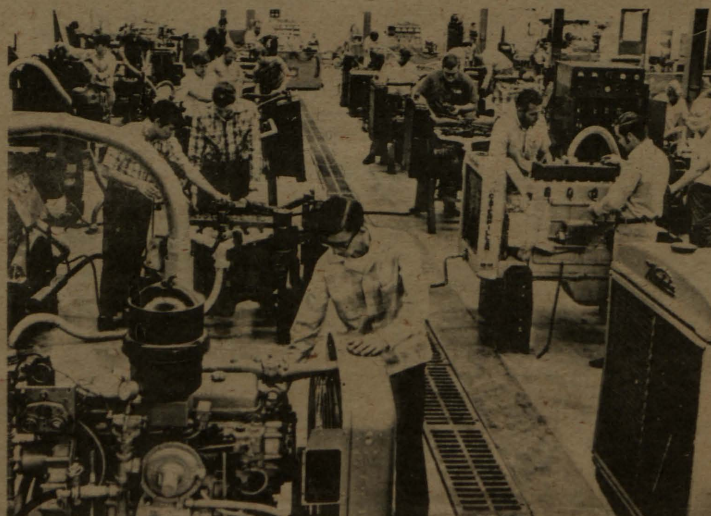
O Departamento pretende, neste ano, consolidar as áreas de pesquisas já iniciadas. Aos 12 P.H.D. existentes, deverão juntar-se mais cinco, dois dos quais já confirmaram a vinda. Na área de Partículas Elementares, deverá chegar em outubro, vindo do Centro Europeu de Pesquisas Nucleares, o professor Bernard Marshal.

Como parte de uma colaboração científica com a França, encontra-se na UnB o Dr. Robert Adde, da Universidade de Paris, e em junho próximo deverá chegar o Dr. Jean Pontnau, da mesma Universidade.

A pesquisa em Física tem recebido amplo apoio, no Brasil, de órgãos como o Conselho Nacional de Pesquisas, a CAPES e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico.



Ferrovia: infra-estrutura para o novo setor industrial



Indústria agora começa a procurar físicos

CAMPUS

A UnB segundo o seu reitor



A Universidade de Brasília não está cogitando do ensino pago, segundo declarou ao "CAMPUS" o próprio Reitor Amadeu Cury. E, além dessa informação, prestou outros esclarecimentos, em respostas às perguntas encaminhadas pelo jornal-laboratório do Departamento de Comunicações.

Eis a entrevista, em perguntas e respostas:

CAMPUS — O que pode dizer sobre a reforma universitária? E sobre a política de pós-graduação? O ensino na UnB será pago?

REITOR — A reforma universitária teve como precursora a própria estrutura da UnB. A política de pós-graduação já está implantada e em pleno desenvolvimento; atualmente a Universidade de Brasília mantém os seguintes cursos em pós-graduação: Matemática, Física, Química, Biologia, Economia, Sociologia, Antropologia, Educação e Comunicação.

A UnB não está cogitando do ensino pago.

CAMPUS — A UnB não tem todos os cursos reconhecidos; quais são os obstáculos para o reconhecimento?

REITOR — A UnB possui a quase totalidade de seus cursos reconhecidos; os poucos que faltam já estão em processo de reconhecimento. Não há obstáculos para o reconhecimento dos cursos.

CAMPUS — A transferência obrigatória prejudica a qualidade do ensino? Por que os alunos transferidos não conseguem vagas nas disciplinas requeridas?

REITOR — Em parte. O aumento brusco de alunos provoca intensa demanda de vagas em disciplinas. As transferências obrigatórias, de acordo com a legislação, independem de época ou da existência de vagas. O número de alunos transferidos para a UnB (transferências obrigatórias) vem aumentando progressivamente, sem possibilidade de previsão do seu número. Espera-se, contudo, que esse número venha a se estabilizar dentro de dois a três anos.

CAMPUS — Os alunos recém-formados têm condições para enfrentar o mercado de trabalho? A UnB oferece vagas nos seus cursos pensando nas possibilidades do mercado de trabalho?

REITOR — Respondo com o exemplo da última formatura: inquérito realizado mostrou que 80% dos formandos já estavam empregados.

CAMPUS — A que se deve o esvaziamento de cursos na área de Humanidades?

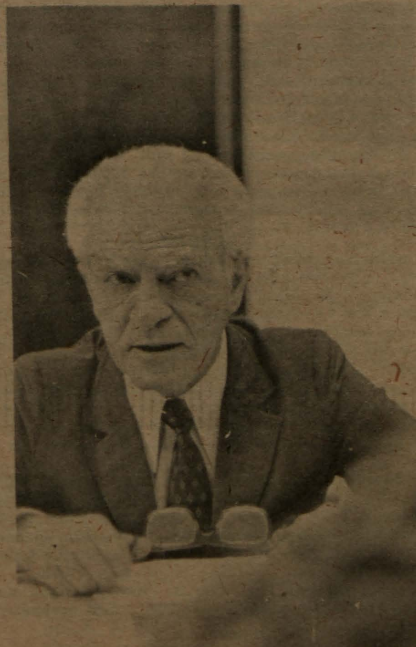
REITOR — Talvez à demanda no mercado de trabalho.

CAMPUS — A facilidade do ensino, estimulada pela reforma universitária, pelo ensino supletivo, pelas faculdades particulares, pelo vestibular classificatório, parece ter reduzido o nível da educação universitária.

REITOR — Não me parece válida a afirmativa, mas, mesmo que fosse, as medidas que vêm sendo tomadas pelo Ministério da Educação e Cultura, através da Comissão Nacional do Vestibular Unificado (CONVESU), visando ao estabelecimento do vestibular unificado em todo o País, corrigirão, em futuro próximo, as distorções porventura existentes. Com o mesmo objetivo, vem o Conselho Federal de Educação atuando de modo intenso e contínuo, objetivando ao estabelecimento de novas condições e exigências para a autorização de funcionamento de novas escolas, faculdades e Universidades, bem como para o reconhecimento dos cursos por elas ministrados.

As transferências obrigatórias prejudicam um pouco o rendimento do ensino na UnB.

O Reitor Amadeu Cury reconhece isto, mas tem esperanças de uma estabilização no número desse tipo de transferências dentro dos próximos dois a três anos.



CAMPUS — Alguma coisa sobre a MGA (Média Global Acumulada)?

REITOR — A MGA é uma medida do rendimento do desempenho do aluno; como o próprio nome indica, é o rendimento médio do aluno, um pouco acima da simples aprovação em disciplinas. O jubilamento é a penalidade que o mau aluno sofre quando não mantém índices mínimos de aproveitamento (MGA e número de disciplinas cursadas, por períodos letivos, na sua opção).

CAMPUS — Qual o critério real observado para admissão em disciplinas? A pergunta tem sua razão: os alunos pedem as matérias e o computador rejeita os pedidos.

REITOR — O critério usado é o divulgado na Lista de Ofertas. A composição das turmas traz a relação dos matriculados na 1ª e 2ª etapas. Assim, um aluno preterido na 2ª etapa, por não ter concorrido à 1ª, pode apresentar condições superiores (MGA, créditos) às de um aluno matriculado na 1ª etapa. A sua "rejeição" deve-se ao fato de que, não concorrendo à 1ª etapa, outros alunos tenham sido matriculados, preenchendo-se o número de vagas oferecidas pela disciplina pretendida.

CAMPUS — Há dificuldades para a contratação de professores?

REITOR — O único problema ou dificuldade é a carência de pessoal qualificado no País, particularmente em Brasília. Não há falta de recursos para a contratação de professores.

CAMPUS — Quais os motivos que levaram a UnB a afastar 10 professores do Curso de Direito?

REITOR — A iniciativa partiu do Departamento de Direito, tendo sido invocado como motivo principal o grande número de professores existentes no Departamento e o reduzido número de alunos que anualmente ingressam naquele curso.

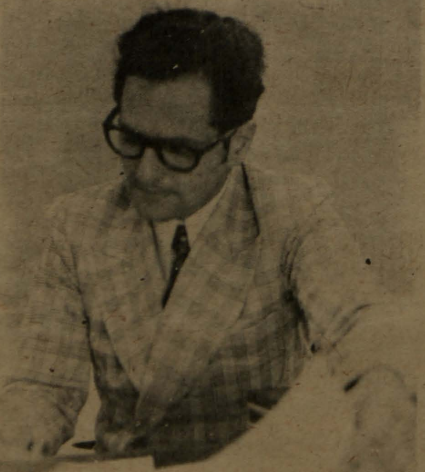
CAMPUS — Quando será definitivamente solucionado o problema de moradia e alimentação dos estudantes que dependem do Centro Comunitário? Quais os critérios adotados pela UnB para a distribuição de vagas no Centro Olímpico? Quando serão totalmente ocupados os blocos já existentes? E o novo restaurante?

REITOR — O problema da alimentação está equacionado. Enfrenta, naturalmente, dificuldades relacionadas com a estrutura de preços dos gêneros e com a falta de organizações adequadas que tenham condições de colaborar nesse setor. O novo restaurante entrará em funcionamento logo após a conclusão das obras, previstas para o próximo semestre letivo.

O problema de moradia excede o âmbito da Universidade. É um problema nacional e particularmente de Brasília e vem recebendo tratamento adequado.

Os critérios adotados pela UnB para a distribuição de vagas nos alojamentos estudantis são os seguintes: provação de carência econômica, verificação do aproveitamento escolar para efeito de classificação, inexistência de sanção disciplinar cominada com pena de suspensão nos dois períodos regulares que antecedem a autorização da ocupação. Os alojamentos estão praticamente ocupados. Restam poucas vagas no Bloco B para alunos dos cursos de Pós-Graduação.

Desquite: um mal necessário?



Para falar sobre o problema do Desquite, ninguém melhor do que o professor Elmano Cavalcanti de Farias, Juiz da Vara de Família, Órfãos e Sucessões do Distrito Federal e também professor da Universidade de Brasília, no Departamento de Direito. Foi nomeado Juiz Substituto em 1957 e passou a exercer junto à Vara de Família, Órfãos e Sucessões, como auxiliar e substituto do atual Desembargador Lúcio Batista Arantes, passando a titular da Vara cerca de um ano depois. Segundo o professor, o número de casamento sempre supera o de desquites em Brasília, observando que o índice de desquites é de oito por cento com relação ao número de casamento celebrados, percentagem considerada normal em relação ao contexto geral. Ressalta alguns dos fatores que determinam uma elevação do número de desquites no Brasil: entre os fatores sociológicos, considera a modificação da estrutura econômica e social brasileira.

Hoje, como observou, a mulher disputa cada vez mais o mercado de Trabalho, não aceitando mais a sua antiga submissão ao marido. Outro fator, seria a modificação de costumes, como consequência do arrefecimento das convicções religiosas, bem como, pelo espantoso desenvolvimento material, no sentido de propiciar a busca de prazeres da vida; finalmente, o empobrecimento paulatino da classe média.

CAMPUS — Professor Elmano, por que é tão elevada a taxa de desquites em Brasília?

ELMANO — O número de desquites em Brasília, proporcionalmente, não é superior ao número observado em outras capitais, como por exemplo Rio de Janeiro e São Paulo. Aparentemente o é, sobretudo, por causa do noticiário sensacionalista em alguns órgãos de imprensa. "Brasília não é a capital dos desquites".

CAMPUS — Será que o problema está acabando ou tende a agravar-se?

ELMANO — Tem se observado um recrudescimento do número de desquites, fenômeno também ocorrente em outras cidades do País.

CAMPUS — Nestes casos, quais as atitudes que poderiam ser tomadas pela Sociologia, para analisar e propor uma solução para evitar a deterioração do Contrato Social?

ELMANO — Impõe-se com urgência o desencadeamento da Campanha Nacional em prol da união dos casais, da família, como "Celula Mater" da nacionalidade, através do cinema, da televisão, da imprensa escrita e falada. O aprimoramento da educação e da instrução acarretaria maior senso de responsabilidade aos nubentes. Também a elevação do padrão de vida das famílias de classes pobres, através do incentivo permanente do desenvolvimento moral e material.

CAMPUS — O divórcio seria melhor substituto para o desquite?

ELMANO — O mal não está no desquite. O mal está, obviamente, na separação dos casais, com a desagregação familiar, acrescentando gravíssimos problemas para a criação dos filhos, as grandes vítimas da desarmonia dos pais. O divórcio, tanto quanto o desquite chancela a desunião dos casais. Só que o primeiro autoriza novo casamento, ao passo que o segundo não o permite, induzindo os desajustados a formarem união concubinária, sem dúvida que situações muito mais inconvenientes do que se os cônjuges infelizes pudessem buscar novas oportunidades na vida. É fora de dúvida, porém, que o divórcio, inicialmente, se instituído no País, provocaria número imprevisível de separações, tal o efeito catalizador que ele exercerá, até com relação a casais que vem se suportando. O que resolve a crise da família brasileira não é o divórcio. É a plena conscientização de todos, de que a família continua sendo uma instituição sagrada, cuja harmonia interessa de perto ao Estado incentivar.

A facilidade com que os casais podem se desquitar no Brasil, segundo o professor José Francisco Resek, da UnB, é maior do que para obtenção do divórcio em certos países, como a Suíça, onde só se admite o processo de separação por motivos graves, como a injúria, tentativa de morte ou abandono do lar por mais de dois anos.

José Francisco Resek, professor de Direito Institucional e Ética e Legislação dos Meios de Comunicação, acha que para a separação, ou seja, o desquite, a lei no Brasil pede muito pouco. Qualquer motivo pode ser alegado, haja vista a famosa incompatibilidade de gênios. O divórcio em relação ao desquite possui apenas uma diferença fundamental: — a possibilidade de um novo casamento. As obrigações são as mesmas, já que um extingue o casamento ao passo que o outro termina com a sociedade conjugal. Dividem-se os bens, combina-se a guarda dos filhos, oficializa-se a pensão de família.

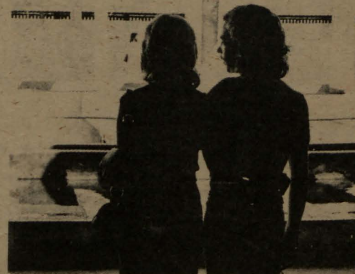
PLEBISCITO

É muito pertinente um plebiscito no Brasil, defende o professor Resek, que considera a necessidade de divórcio se institucionalizar no Brasil. Segundo ele, no Congresso Nacional a maioria é contrária à legislação sobre o assunto, apenas por concepção. Os parlamentares se acham mais condicionados a defender a opinião de classe que constituem de que a das massas eleitorais em geral.

A posição da Igreja, disse ele, atinge mais a cúpula dos dirigentes e não tem penetração na mudança de atitudes de seus fiéis, haja vista o grande número de desquites, o que ela só admite em casos excepcionais. O desquite tem o pressuposto cristão de que os casais separados vivam em castidade e não se unam novamente, o que na maioria dos casos não acontece.

A resposta de muitos é o casamento no exterior. Se aqui não são casados pelo menos há a satisfação de dizer que a união é legalizada pela lei estrangeira. Para o Brasil, no entanto, esclarece Resek, continua o concubinato. Os casais preferem ainda esta situação, pois ela lhes garante futuramente, principalmente para a mulher, uma estabilidade econômica, caso haja a separação.

A mulher, segundo a opinião de Resek, não tem auto-suficiência econômica e portanto, naturalmente, receia ficar desamparada sem uma pensão do "ex-marido".



Uma opinião

Para o Senador Nelson Carneiro (MDB-G13), tradicionalmente defensor do divórcio, o desquite não é uma solução e sua existência se deve apenas "ao egoísmo das pessoas que não querem encerrar a solução definitiva do divórcio simplesmente porque não precisam dele".

No seu gabinete no edifício principal do Senado, há um quadro que chama a atenção dos visitantes. Nele está um casal com aparência de suma felicidade, de mãos dadas, em pé, junto a uma janela aberta. Em baixo, uma inscrição divorcista: "Abra uma janela na sua felicidade e olhe para aqueles que não conseguiram o que você conseguiu e vivem na infelicidade".

O senador da Guanabara entende que o remédio exato para acabar com o elevado índice de desquites em Brasília ou em qualquer outro lugar é introduzir o divórcio no Brasil.

"Se você não encontra a felicidade na primeira esquina, é preciso que você possa tentar encontrá-la na esquina da frente", diz Nelson Carneiro, manifestando-se feliz com o resultado do plebiscito que confirmou a lei do divórcio na Itália.

Quanto ao problema de Brasília, o Senador tem um comentário pessoal: "O que a imprensa publica, mostra a existência de elevado índice de desquites, chegando a superar, em alguns meses, o número de casamentos. Entretanto, esses números são artificiais porque atrás deles esconde-se uma realidade maior e mais triste ainda. É que inúmeros casais simplesmente se separam sem procurar legalizar a separação, seja porque têm vergonha de revelar os motivos da separação, ou porque não querem se dar ao trabalho de fazê-lo, ou ainda porque não estão conscientizados dessa necessidade estatística".

"O que deve ser feito é uma modificação na legislação familiar do Brasil, porque o desquite só traz prejuízos, já que de um lar desfeito no mínimo, o que pode surgir é dois lares infelizes".

"O divórcio — continua — impediria isto, com as melhores consequências para os filhos que não passariam mais a nascer com um estigma pelo fato de que seus pais vivem juntos, se amam e se compreendem, mas estão impedidos de concretizar, com o segundo casamento, a sua felicidade".

Acha o Senador que nossa legislação familiar é antiquada porque os primeiros projetos de divórcio surgiram ao tempo de Rui Barbosa e foram violentamente combatidos por aquele ilustre político e escritor.

"Entretanto, o voto-fantasma de Rui não se justifica mais, ainda que tenha se justificado quando a questão foi levantada. Hoje a sociedade é outra. Rui não viu o processo de liberação da mulher, não viu como ela passou a se integrar na sociedade tornando-se parte ativa e não passiva na condução do lar e na educação dos filhos. Hoje o divórcio é uma necessidade que se impõe, sendo lamentável apenas que alguns legisladores persistam agora com as idéias de ontem", conclui Nelson Carneiro.

Minha vida Nossas vidas

Em junho último, a Administração Regional de Brasília procurou alunos e professores do Departamento de Comunicação da UnB, solicitando um show para as comemorações do 41º aniversário daquela cidade. Em cinco dias, o espetáculo foi escrito e montado, e o sucesso levou seus organizadores a promoverem uma apresentação no auditório Dois Candangos. Mais uma vez o êxito de show justificou uma reprise, uma semana mais tarde, em duas sessões. Pelas reações que provocou, "Minha Vida, Nossas Vidas" parece indicar não só a necessidade de promoções dessa natureza, como também a existência de condições para sua efetivação.

Para seus organizadores, "Minha Vida, Nossas Vidas" não encerra nenhum mistério. Trata-se de uma seleção de poemas e músicas que se encadeiam de maneira a compor um espetáculo contínuo, obedecendo a um motivo básico. Nesse caso, o motivo são as recordações de um nordestino que veio para o sul.

Textos de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Cecília Meirelles e músicas de Lupicínio Rodrigues, Augusto Pontes, Noel Rosas, Clímério, Tetê, Clodo e outros compositores, formam o corpo dos espetáculos, complementados por textos adicionais.

O professor Geraldo Moraes produziu e dirigiu o "show", a professora Maria de Lourdes Torres orientou a parte musical, Clímério e Clodo colaboraram nos arranjos e cerca de vinte alunos de diversos Departamentos trabalharam como atores, iluminadores e em outras atividades, numa demonstração de que falta apenas um pouco de iniciativa, e a necessária cobertura da Universidade, para que volte a existir um ambiente de criação artística e cultural na UnB. O SESC e a Fundação Educacional do Distrito Federal já manifestaram interesse na apresentação de "Minha Vida, Nossas Vidas" em outros locais. Várias personalidades de Brasília manifestaram seu entusiasmo diante do espetáculo que assistiram. A atriz Dulcina Moraes declarou que, embora esperasse um bom trabalho, estava surpresa com o nível da apresentação. E o professor Edson Nery, diretor da FA, considerou o espetáculo, além de um trabalho sério e digno, um verdadeiro serviço prestado à literatura.

Depois dessas manifestações, que mais falta para que a Universidade venha a firmar seu nome na vida teatral de Brasília, uma cidade atualmente sem movimentos dessa natureza?



Em prosa e verso...uma família



Com muita força, muita força...nesse trem de vida



Não sabia que a estória era tão bonita....no viaduto do chão, por que não?

Música Popular Brasileira

Um concurso de História da Música Popular entrará, provavelmente no próximo semestre, como matéria optativa para todas as áreas da Universidade de Brasília.

A idéia da estruturação desse curso como parte do currículo normal da Universidade, é do professor Orlando Viana Leite, chefe do Departamento de Música. Antes de vir para Brasília — onde está há dois anos — ele já pensava a respeito, tendo, inclusive ministrado curso de extensão de Música Popular Brasileira na Universidade do Ceará. O professor Orlando está convicto de que esse é um momento propício para essa iniciativa, pois acredita que já temos maturidade para expressão musical.

O curso contará com a participação e colaboração de professores das áreas de Comunicação, Letras, Ciências Sociais e, principalmente de Música. Será ministrado duas vezes por semana, com revezamento dos professores das mencionadas áreas. Assim, até o final do curso, cada professor terá dado, pelo menos, cinco aulas.

Foram requisitados os professores Geraldo Moraes e Maria de Lourdes Torres, do Departamento de Comunicação, cuja contribuição estará baseada na importância da música popular como veículo de Comunicação.

Na área de Ciências Sociais, foi requisitado o professor Correia Dias, que apresentará nas suas aulas uma síntese do sentir e pensar do homem e do seu meio.

Interessado na música popular sob o enfoque sociológico, ele já fez um estudo da obra de Chico Buarque de Hollanda.

O Departamento de Letras será representado pelo professor e poeta Cassiano Nunes da Rocha, que fará um estudo da poesia popular e folclórica brasileira.

Haverá a participação de todos os professores do Departamento de Música, que se propõem a dar uma visão da História da Música Brasileira e os principais vultos dela. Será apresentada também uma parte ilustrativa, com gravuras de desde 1913, que nesse momento estão sendo regravadas.

Este curso, sendo aprovado como disciplina do currículo das áreas de Humanidades e Ciências, será o 1º curso de História da Música Popular Brasileira a ser ministrado em Universidade. Por esse motivo, todos os professores estão se empenhando para que o curso tenha a melhor fundamentação possível. Havendo sucesso, provavelmente a iniciativa será imitada pelas outras universidades do país.

O curso terá início com um Seminário de Abertura, que contará com a participação de convidados especiais, cujos nomes não foram ainda divulgados. Sabe-se, no entanto, que entre eles se encontram um intérprete, um compositor, um empresário, um arranjador e um teórico.





Numa visão geral da imprensa de Brasília encontramos um jornal que domina o mercado — por simples questão de tradição temporal — outro que não tem grande tiragem mas que bem é escrito e bem feito, e um terceiro que não parece preocupado nem com uma coisa nem com outra.

O primeiro é o "Correio Braziliense" cujo poderio momentâneo no mercado, segundo todas as previsões, deverá findar-se dentro de alguns anos caso não sofra uma reestruturação. Com efeito, já diz Alberto Dines ("O Papel do Jornal") que "um jornal bem escrito nunca estará em decadência".

Como os demais jornais deixados por Assis Chateaubriand, o Correio não se renovou, limitando-se a modernizar o parque gráfico sem se preocupar com o mais importante: a redação. Pode-se afirmar que os atuais dirigentes do CB aplicam um paradoxal sistema de controle na redação onde a frase de Henry Kissinger é o lema: "a burocracia considera a criatividade um perigo".

O jornal mal escrito é indicativo de que os seus dirigentes já não estão preocupados com a quantidade e a qualidade da notícia como informação. Essa preocupação deslocou-se para a área do faturamento. A razão de ser não é a notícia e sim o anúncio. A notícia é apenas "o pretexto" para veicular o anúncio. Em resumo: trata-se do antijornalismo, onde a redação é apenas um suporte do "balcão-de-ânúncios".

Por ser uma cidade de tomada de decisões governamentais, Brasília é um campo restrito e difícil para o jornalismo, que encontra as portas da informação fechadas. Quando estas estão abertas, o acesso à fonte é tão tumultuado que o repórter se sente cada vez mais cansado para ir atrás das notícias.

Desde há alguns anos atrás, o trabalho jornalístico se limita praticamente às assessorias de imprensa, cabendo ao repórter a tarefa de reescrever os "press-releases" que são distribuídos. Tal tarefa provoca o bitolamento do profissional e chega a viciá-lo. O jornalista novato está, assim, na maioria das vezes, incapacitado de ir além do que as assessorias lhe oferecem e não é muito difícil encontrar um repórter com alguns meses de profissão que nunca tenha chegado à fonte real da notícia.

Os órgãos governamentais ou privados descobriram nas salas de imprensa

Pergunta-se, então: se quem não é o maior tem que ser o melhor, quem é o maior pode ser o pior?

Na verdade muitos jornais do interior do Brasil são melhor escritos e preparados que o "Correio Braziliense".

Por outro lado temos em Brasília um jornal de orientação diametralmente oposto, como é o caso do "Jornal de Brasília". A criatividade é uma constante e os dirigentes suscitam na sua equipe o surgimento desse espírito criativo. Pela "abertura" da primeira página temos uma idéia.

O leitor não aceita mais a meia-informação ou a pseudo-atualização do seu jornal. O noticiário do rádio, da televisão e dos bons jornais que chegam do eixo Rio-São Paulo estão aí para dar um serviço o mais completo possível. É somente um analfabeto não se deixará influenciar por um jornal melhor. Aliás deveríamos ter três "bons jornais" na Capital do País. O que não ocorre. Em Brasília o público tenderá sempre a exigir cada vez mais.

Quanto ao "Diário de Brasília", as preocupações em conquistar o mercado não parecem ser muito grandes. Usa-se até mesmo a "apelação do sexo" (vide "Crocodilo") ao lado de um material noticioso pouco convincente como informação geral.

O "Diário de Brasília" é extremamente parado. No entanto a perfeição não se encontra no acomodamento e sim no dinamismo da superação diária. O jornal do dia seguinte precisa ser melhor do que o jornal do dia anterior. É uma necessidade óbvia de auto-superação.

um meio de reter o jornalista que vai em busca da informação. Dessa maneira, a atividade das assessorias se intensificou de modo surpreendente, nos últimos anos. As salas passaram a ser vistas como um espaço físico que abriga os repórteres e faz com que eles permaneçam mais tempo do que o devido. Entre os vários meios de reter um profissional de jornalismo está um bom bate-papo (mesmo que seja sobre a informação que ele tenha ido buscar e que, na verdade, é fornecida com mutilações) e os cafezinhos oferecidos de hora em hora. É nesse aspecto que as salas de imprensa acomodam o jornalista e evitam o seu acesso à fonte.

É comum se ver, hoje em dia, que o local escolhido para a instalação da sala de imprensa é cada vez mais distantes dos centros de decisões dos órgãos. Este é um recurso que vem sendo bastante utilizado e que contribui para o afastamento do repórter daqueles que poderiam lhe fornecer informações.

O Jornalismo Jornal DIÁRIO

Ary Cunha, cearense, está em Brasília desde os primeiros tempos e sempre sua preocupação esteve voltada para os problemas da implantação da imprensa na Capital Federal.

Seu pensamento sobre o assunto está nesta entrevista:

CAMPUS — É correto afirmar que Brasília tem lugar para 3 jornais?

ARY — Na verdade Brasília tem desmentido este fato. New York possui três jornais para uma população de 11 milhões de habitantes. Não seria correto afirmar que Brasília deveria atingir 11 milhões de habitantes para que o mercado comportasse três jornais. Aqui se lê muito pouco mas, ainda assim, acho que é perfeitamente viável a existência de três jornais.

Por outro lado, nós, do "Correio Braziliense" esperávamos que a concorrência viesse de modo diferente. Quando se criou o "Jornal de Brasília", foi amplamente divulgado o resultado de uma pesquisa segundo a qual 87%

parece-me da população se manifestou favorável ao surgimento de mais um jornal. Eu acho que sempre que se fizer uma pesquisa desse tipo, o ideal seria conseguir 100% de opiniões favoráveis, porque na verdade todo mundo sempre quer o aparecimento de mais um jornal. Portanto este fato não é o mais importante.

CAMPUS — Qual a linha de ação do "Correio Braziliense" perante o público leitor?

ARY — Nós não visamos um público tipo classe C em relação a outros jornais. Fazemos um jornal informativo, evitando as deduções. Quem deve deduzir é o leitor. Ele tem direito à informação e é isto o que lhe damos deixando para ele o privilégio de tirar conclusões.

Antigamente os jornais eram feitos à base de deduções. Eram comuns as matérias comentadas e em cada notícia era possível vislumbrar a opinião do jornal ou do jornalista. Hoje, felizmente, as escolas de Comunicação estão sancionando a imprensa quanto a isto, ensinando aos futuros jornalistas a prática da imparcialidade e da informação pura e simples.

CAMPUS — Mas o jornal tem, mesmo fora dos jornais, comentando, se ARY — Sem dúvida isto lugar. Temos um procedimento: quando denominamos "SHISGA" informação do que aconteceu já havia sido informada publicamos uma matéria apuradas nossas e mostamos mesmo fora dos editores.

Já no caso de matéria desse tipo, publicamos que ela apareceu o seu assassino era ao leitor.

CAMPUS — Qual a sua relação aos outros jornais? **ARY** — Posso responder que foi feita em Brasília pelo Instituto Brasileiro de comportamento do mercado. Os resultados, em um aspecto, numa amostra de 100, ao "Correio Braziliense" e 12% para o "Jornal de Brasília".

Nas Cidades 81,6% para o "Correio Braziliense" e 3,1% para o "Jornal de Brasília".

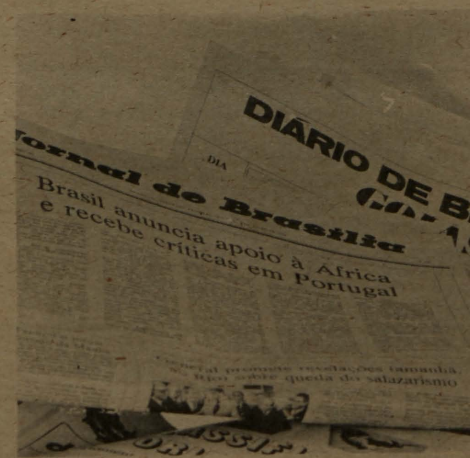
No Plano Piloto e as Cidades-Satélite pertence ao "Correio Braziliense" e 8% para o DB.

De um modo

mostrou o seguinte res

12,1% para o DB e

Possibilidades de atuação do jornalista bras



Mas se, por um lado, dificultar o acesso à fonte ou acabaram com as definitivamente os repórteres, mesmo havendo escrever à disposição, caracteriza uma situação credenciamento não é.

Embora conside a imprensa são um existem uns poucos que os jornalistas e se faz Ministério do Interior do Planejamento (dur

Verifica-se ho a obtenção da notícia, não se trata apenas o imagem do Estado, ma o trabalho da classe. Já Associação Interameri reconheceu que a atmo Conforme artigo públ "Paulo", em 5/4/74, já existente cedeu lugar a

o em Brasília

l de Brasília

O DE BRASÍLIA

al nunca deverá manifestar-se sobre editoriais? Nunca deverá fazer uma por determinados fatos? Não pode acontecer. Mas no seu devido tempo, bem recente sobre tal, tornou há algumas semanas, o caso "F5", limitamos nossas matérias à ecce e só depois — quando o leitor o sobre os fatos procedentes — comentada a respeito, introduzindo rando outros aspectos do escândalo, is.

Ana Lúcia, por exemplo, não houve quando ela apareceu morta, nós ecce morto sem afirmar na notícia um suicídio. Essa afirmação caberia

uação do "Correio Braziliense" em is de Brasília?

a essa pergunta com uma pesquisa o mês passado, do dia 3 ao dia 9, o de Análise Estatística, por enaziliense". O objetivo era observar o ndo em relação aos nossos cons foram surpreendentes sob certo zagem geral, englobando o Plano lites, apurou-se que 73,2% da venda reio Braziliense"; 14% ao "Diário de rnal de Brasília".

Satélites o levantamento mostra Braziliense", 8,3% para o "Jornal de o "Diário de Brasília".

to, em levantamento feito junto às ra um pouco em relação ao segundo e ão: 85,1% para o CB, 6% para o JBr

geral, em todo o DF, a pesquisa ltado de aceitação: 78,6% para o CB, % para o JBr.

iliense

o lado, a sala de imprensa existe para nte, existem órgãos que não criaram sessorias na esperança de afastarem rterres. Dessa maneira, é evidente uma assessoria com máquina de dos jornalistas credenciados, ela ação de inexistência quando o oficializado.

tituam maioria os órgãos cujas salas pectilho para o trabalho jornalístico, convivem em perfeita harmonia com justo mencionar os nomes: são os (durante os dois últimos Governos) e nte o atual Governo).

de um campo mais aberto em relação A maioria dos jornalistas acha que e uma política promotora da boa e sim uma intenção sincera em ajudar io de Mesquita Netto, na reunião da ana de Imprensa, em abril deste ano, sfera modificou-se bastante este ano. cado no jornal "O Estado de São io de Mesquita afirma que a tensão um clima de diálogo e que há indícios

CAMPUS — É mais importante fazer um jornal que VENDE ou um jornal que AGRADA?

ARY — Jornal que vende apenas, é um grande defeito e deve ser evitado. Jornal é para dar a informação, é para agradar. Há notícias que vendem, mas não agradam. Explorar sexo, por exemplo, vende, mas não agrada a uma faixa considerável do público, embora possa agradar outra. Explorar crimes, também vende, mas o sensacionalismo é o antijornal. Há fatos cuja divulgação é altamente negativa e que, portanto, não devem ser noticiados. Há poucos dias eu vi num jornal a foto de uma garota de 16 anos com uma notícia ao lado dizendo que ela havia se suicidado. Isto é cruel e choca o leitor.

Por outro lado o jornal precisa vender, sem dúvida alguma. E quanto a este aspecto nos ocupamos uma posição cômoda e muito tranqüila embora a publicidade aqui em Brasília seja muito barata (não me refiro à qualidade e sim ao preço pago pelos espaços). Com uma tiragem de 17 a 20 mil nos dias de domingo, nossa publicidade aumentou depois que surgiram os dois concorrentes. É possível notar que mais de 50% do jornal está ocupado com a publicidade. O ideal seria um percentual inferior a 50%, mas devido aos baixos preços, é indispensável a publicação desse volume que inclui também 2 mil pequenos anúncios (anúncios populares).

CAMPUS — Porque o "Correio Braziliense" não paga mais ao pessoal da redação?

ARY — Nós pagamos cerca de mil e duzentos cruzeiros ao redator, enquanto jornais como "O Estado de São Paulo" pagam bem mais. Entretanto devido ao baixo preço, da publicidade — que todos reconhecemos ser o principal sustentáculo de qualquer jornal — o salário de nossos redatores corresponde a 80 centímetros de publicidade publicada no "Correio Braziliense" enquanto que o salário pago pelo "Estado" corresponde a 20 centímetros apenas. Nos preços de São Paulo. Portanto pagamos 4 vezes mais em termos de publicidade, embora ao converter isto em dinheiro nosso pagamento corresponda a 1/3 do que é pago pelo "O Estado de São Paulo".

de que se pretenda adotar, atualmente, uma nova política em relação à imprensa.

Carlos Brickman, também de "O Estado de São Paulo", escreveu um artigo no dia 25/3/74 com o título "O repórter já pode chegar até perto do Presidente", no qual reconhece que existem novos ares em Brasília. Os jornalistas estão obtendo exercer melhor sua profissão, e os fotógrafos têm obtido melhores fotos.

O que se pretendeu aqui foi mostrar rapidamente o campo de trabalho do jornalista em Brasília. Tal campo é imitado não só pela natureza política da cidade, mas também porque o mercado se encontra semifechado no tocante à contratação de estagiários em jornalismo. As sucursais e os jornais locais, por serem constituídos de pessoas que não fizeram o curso de jornalismo, alimentam forte preconceito em relação aos alunos desta faculdade. Um outro preconceito, que parecia ter sido extinto, continua sendo o sexo do profissional. Recentemente, uma sucursal recusou um jornalista por se tratar de mulher. Embora estes tipos de problemas sejam encontrados em qualquer cidade brasileira, sempre é válido registrá-los, principalmente se levarmos em conta o velho chavão de que "mulher não entende de política".

Seminário

jornalismo

em

Brasília

O seminário de Jornalismo em Brasília" promovido pela Câmara de Extensão e pelo Departamento de Comunicação da UnB, terminou no dia 28 último, abordando importantes temas da profissão. As conferências foram proferidas no horário das 10 às 13 horas, durante os dias do seminário, que começou no dia 25, no auditório do Departamento de Música.

No primeiro dia, o tema "Jornalismo em Brasília", esteve a cargo da representação estudantil do Departamento de Comunicação. No segundo dia, o jornalista Luiz Adolpho, de "O Globo", abordou o tema "Jornalismo Interpretativo". No terceiro dia, o jornalista Rubens de Azevedo, da "Folha de S. Paulo", discorreu sobre "A Crise da Imprensa Brasileira"; Roberto Pompeu de Souza Brasil, de "VEJA", falou sobre "A Evolução do Jornalismo Brasileiro".

PUBLICO

O seminário "Jornalismo em Brasília", organizado pela representação estudantil do Departamento de Comunicação da UnB, destinou-se aos estudantes de Comunicação das escolas superiores de Brasília e a outros interessados, de um modo geral, inclusive profissionais da imprensa brasiliense.

Aos participantes com frequência integral, foram conferidos certificados de aproveitamento.

O tema do primeiro dia, a cargo da representação estudantil, tratou principalmente do problema do estagiário nos jornais e sucursais. Ao final dos debates, os alunos propuseram a realização de contatos junto ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais e ao Ministério do Trabalho, no sentido de se estabelecer um salário-mínimo para a remuneração do estagiário.

Engenharia Florestal: Novo Curso da UnB

A implantação de "Zootecnia" e "Centro Nacional de Tecnologia do Cerrado", oferecendo cobertura aos estudantes e profissionais do ramo mediante convênio a ser firmado entre a UnB, a EMBRAPA e a Secretaria da Agricultura do GDF.

A preocupação em formar Engenheiros Florestais tem por objetivo particular a preservação do meio ambiente através do florestamento e do reflorestamento amplamente financiados pelo governo, inclusive mediante a aplicação de incentivos fiscais nas regiões de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo, o que tem ampliado consideravelmente o mercado de trabalho para esse tipo de profissional técnico.

ZOOTECNIA

"Temos aqui em Goiás e Mato Grosso o maior rebanho bovino do país e acredito que a UnB aprovará o funcionamento do curso de Zootecnia a partir do próximo ano", disse o professor Eduardo Alberto Morales, chefe do Departamento de Engenharia Agrônoma.

Para aproveitar o "cerrado" do Centro-Oeste com objetivos agrícolas e pastorais, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — EMBRAPA, deverá instalar brevemente em Brasília, o

"Centro Nacional de Tecnologia do Cerrado", oferecendo cobertura aos estudantes e profissionais do ramo mediante convênio a ser firmado entre a UnB, a EMBRAPA e a Secretaria da Agricultura do GDF.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

O professor Eduardo Morales entende que "a exploração racional do regime de cerrado" poderia vir a baratear, e ao mesmo tempo, aumentar a produção agrícola nacional porque o cerrado facilita a mecanização do campo por suas próprias condições físicas e geográficas. Entretanto o professor chama a atenção para a necessidade de estudos detalhados em cada região a ser explorada tendo em vista que a rentabilidade do terreno é diretamente proporcional ao seu uso mais adequado, "o que não é possível sem estudos setoriais".

ENGENHARIA FLORESTAL

O curso de Engenharia Florestal, será beneficiado pela instalação, em Brasília, do Laboratório de Tecnologia de Madeira — já em funcionamento e o mais moderno do país — mediante convênio entre a UnB, a FAO e o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal — IBDF.

O programa de disciplinas oferecidas aos candidatos do vestibular de julho próximo já inclui "Engenharia Florestal" que entrará em funcionamento em agosto.

CURRÍCULO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL

Art. 1º — O Curso de Graduação em Engenharia Florestal, de que resultará o diploma de Engenheiro Florestal, abrangerá o 1º Ciclo Geral, na área de ciências, e o Ciclo Profissional regulado no presente Anexo.

Parágrafo Único — O Curso de Engenharia Florestal, incluindo o 1º Ciclo Geral, compreenderá duzentos e dezesseis créditos na forma do artigo 53 do Regimento Geral.

Art. 2º — O 1º Ciclo Geral abrangerá a parte definida como obrigatória do Anexo I e, na parte diversificada, incluirá as disciplinas: IE-504-A Probabilidade e Estatística (pr. IE-303), IB-135-A Genética Básica, IB-201-A Botânica I (pr. IB-301) e FS-501-A Prática Esportiva I.

Art. 3º — O Ciclo Profissional do Curso de Engenharia Florestal compreenderá disciplinas e atividades a serem escolhidas dentre as seguintes relacionadas, pela forma indicada, e as disciplinas com-

plementares que forem anunciadas:

- IE-102 Mecânica (pr. IE-303)
- IE-104 Eletricidade e Magnetismo (pr. IE-102 e IE-304)
- IE-110 Técnicas Experimentais I (pr. IE-101)
- IE-153 Instrumentação Científica I (pr. IE-104)
- IE-201 Geologia Geral
- IE-204 Pedologia (pr. IE-201)
- IE-210-A Topografia e Fotogrametria
- IE-256 Geografia Física II: Meteorologia e Climatologia
- IE-270 Fotointerpretação (pr. IE-210)
- IE-304 Cálculo II (pr. IE-303)
- IE-305 Cálculo III (pr. IE-304)
- IE-341 Cálculo Numérico (pr. IE-304)
- IE-391 Introdução à Ciência da Computação
- IE-402 Química Inorgânica I (pr. IE-401)
- IE-404 Química Inorgânica II (pr. IE-402)
- IE-411 Química Analítica I (pr. IE-401)
- IE-412 Química Analítica II (pr. IE-411)
- IE-421 Introdução à Química

- Orgânica (pr. IE-401)
- IE-422-A Química Orgânica I (pr. IE-401)
- IE-423 Química Orgânica II (pr. IE-422)
- IE-424 Química Orgânica III (pr. IE-423)
- IE-431 Físico-Química I (pr. IE-304 e IE-401)
- IE-501 Estatística Aplicada
- IE-505 Estatística I (pr. IE-304 e IE-504)
- IE-507 Bioestatística (pr. IE-504)
- IE-510 Estatística Econômica (pr. IE-504)
- IB-101 Bioquímica e Biofísica (pr. IB-301)
- IB-102 Bioquímica I (pr. IE-422 e IE-431)
- IB-103 Bioquímica II (pr. IB-102)
- IB-105-A Microbiologia e Imunologia Básicas (pr. IB-318)
- IB-202 Botânica II (pr. IB-201)
- IB-203 Botânica Sistemática I (pr. IB-201)
- IB-204 Botânica Sistemática II (pr. IB-203)
- IB-205 Anatomia Vegetal
- IB-206 Microtécnica Vegetal (pr. IB-205)
- IB-207 Anatomia das Madeiras (pr. IB-205)
- IB-208 Fisiologia Vegetal (pr. IB-102 e IB-205)
- IB-212 Ecologia Vegetal (pr. IB-201 e IB-208)
- IB-214-A Fitopatologia (pr. IB-105)
- IB-217 Biologia dos Criptógamos (pr. IB-315 e IB-318)
- IB-218 Biologia dos Fanerógamos (pr. IB-315 e IB-318)
- IB-219 Botânica Econômica (pr. IB-217 e IB-218)
- IB-223 Conservação de recursos naturais (pr. IB-330)
- IB-303 Citologia Geral
- IB-304-A Histologia Animal I
- IB-315 Genética Básica
- IB-317 Evolução (pr. IB-315)
- IB-318-A Fisiologia Geral
- IB-320 Fisiologia Animal (pr. IB-318)
- IB-324-A Parasitologia (pr. IB-304)
- IB-327-A Zoologia I
- IB-328 Zoologia II (pr. IB-327)
- IB-329-A Entomologia (pr. IB-327)
- IB-330 Ecologia Geral
- IB-331 Ecologia Animal (pr. IB-320 e IB-328)
- IH-001-A Estudos Brasileiros
- IH-101 Iniciação à Metodologia Científica
- IH-105 Teoria Sociológica I
- IH-110 Sociologia IV (pr. IH-105)
- IH-201-A Introdução à Economia
- IH-219 Economia Regional (pr. IH-201)
- IH-240-A Economia Rural I (pr. IH-201)
- IH-241 Economia Rural II (pr. IH-240)
- IH-242 Economia Rural III (pr. IH-241)
- IH-243 Economia Rural IV (pr. IH-242)
- IL-301 Língua Francesa I
- IL-317 Língua Inglesa I
- FT-101-A Edafologia I (pr. IE-201)
- FT-102 Edafologia II (pr. FT-101)
- FT-105-A Engenharia Rural I (pr. IE-210)
- FT-106 Engenharia Rural II (pr. FT-105)
- FT-109 Defesa Sanitária I (pr. IB-105)
- FT-110 Defesa Sanitária II (pr. FT-109)
- FT-113 Extensão Rural
- FT-114-A Dasonomia (pr. FT-101)

- FT-116 Tecnologia de Sementes
- FT-118 Melhoramento de Plantas (pr. IB-315 e IE-504)
- FT-136-A Tecnologia da Madeira (pr. IB-207)
- FT-140-A Dendrometria e Dasometria (pr. FT-114)
- FT-142-A Política Florestal (pr. FT-114)
- FT-145 Estágio Supervisionado em Florestas
- FT-155 Dendrologia (pr. FT-114)
- FT-156 Ecologia Florestal (pr. IB-330)
- FT-157 Silvicultura Regional (pr. FT-163)
- FT-158 Celulose e Papel (pr. FT-136)
- FT-159 Planejamento Florestal (pr. IH-240)
- FT-160 Comercialização de Madeira
- FT-163 Dasonomia II (pr. FT-114)
- FT-165 Produtos Florestais (pr. FT-136)
- FT-168 Classificação do Solo (pr. IB-518)
- FT-170 Manejo e Conservação do Solo (pr. FT-169)
- FT-171 Relação do Solo-Planta (pr. IB-208 e FT-102)
- FT-201-A Desenho Técnico
- FT-261 Hidráulica I (pr. FT-420)
- FT-262 Hidráulica II (pr. FT-220 e FT-261)
- FT-267 Irrigação e Drenagem (pr. FT-262)
- IA-313 Desenho Geométrico
- FT-420 Mecânica dos Fluidos (pr. IE-305)
- FT-490-A Mecânica, Motores, Máquinas Agrícolas e Florestais (pr. IE-101)
- FS-502-A Prática Esportiva II (pr. FS-501)
- FA-102 Organização
- FA-131 Organização Industrial
- FA-132 Administração Rural
- FA-301 Fundamentos Científicos da Comunicação

Art. 4º — O aluno deverá seguir as disciplinas classificadas como obrigatórias nos artigos 2º e 3º, e tantas disciplinas optativas quantas necessárias à integralização do total de créditos estabelecidos no parágrafo único do artigo 1º, incluindo-se no cômputo os relativos ao 1º Ciclo Geral.

Art. 5º — O número de créditos correspondentes às disciplinas e atividades fixadas neste Anexo poderá variar de um para outro período letivo, conforme o indique a experiência do ensino, e constará das respectivas listas de ofertas.

Art. 6º — Não se concederá matrícula requerida no Ciclo Profissional do Curso de Engenharia Florestal enquanto o número de créditos a que devam corresponder as disciplinas pleiteadas no período letivo seja inferior a quinze ou superior a trinta.

Parágrafo Único — Deixarão de considerar-se os limites mínimos fixados neste artigo quando as disciplinas pleiteadas forem as últimas necessárias à conclusão do Curso.

Art. 7º — A coordenação didática do Ciclo Profissional do Curso de Engenharia Florestal caberá à respectiva Congregação da Carreira, organizada nos termos do artigo 41 do Regimento Geral, definindo-se como unidade predominante a Faculdade de Tecnologia.

TV e os Livros

Foi aprovado pela Câmara dos Deputados e agora será submetido ao exame do Senado Federal projeto de lei que torna obrigatório a inclusão, dentro da programação normal das emissoras de televisão, de 30 minutos semanais dedicados a promoção e difusão de livros didáticos, técnico-científicos e culturais.

A iniciativa é de grande interesse e abre às emissoras uma nova frente dentro do setor de jornalismo, além de contribuir para melhorar o nível cultural das populações do interior. Essa nova frente será uma espécie de "reportagem literária", desde que a emissora decida levar a sério a programação. Os programas poderão ser subdivididos em 6 audições semanais, com 5 minutos cada uma. A TV Globo já mantém um programa muito semelhante, pelo seu aspecto cultural: "Globinho", elaborado pelo departamento de telejornalismo.

As emissoras que não cumprirem a determinação ficam sujeitas a multa de 50 salários-mínimos cobrada em dobro nos casos de reincidência.

Semáforos e trânsito

Em Brasília a desordem no trânsito, o congestionamento e atropelamento constantes, constituem um problema que se torna cada dia mais sério, já tendo ultrapassado o índice que seria normal para uma cidade de meio milhão de habitantes.

Sem dúvida, uma das causas dos acidentes de trânsito — incluindo atropelamentos — serem mais frequentes aqui do que em qualquer outro lugar é a falta de semáforos. Realmente é impossível conceber uma cidade do futuro como o é Brasília, sem sinais luminosos; as cidades mais modernas do mundo, com planejamento urbanístico moderno e menor quantidade de automóveis por habitantes, não deixaram de incluir semáforos na sinalização. A colocação de sinais luminosos poderia fazer desaparecer por mais algum tempo o problema que aqui está surgindo e se agravando: o congestionamento. Na hora do "rush" por exemplo, é impossível transitar nas entradas para a W3, nas ruas comerciais das superquadras 105 e 107 sul, frente do Palácio do Buriti e L2 (norte e sul), não obstante as pistas desta última terem sido duplicadas. Estes lugares, logicamente seriam prioritários para a colocação dos semáforos. O Palácio do Buriti divulgou uma nota dizendo que os sinais luminosos aqui em Brasília vão funcionar com a utilização de células hipersensíveis controladoras do fluxo de automóveis e de pedestres. Esse sistema é regido por um computador eletrônico central que possibilitará nas horas de pouco movimento a abertura de todos os sinais da avenida, estabelecendo a chamada onda verde no tráfego. O computador será instalado nas imediações do Colégio La Salle, na Av W5 Sul. Esse sistema de controle é inédito no Brasil, em um dos mais modernos no mundo, e existem similares apenas nos países escandinavos. Se isto de fato acontecer, Brasília poderá viver, sem dúvida mais alguns anos sem o problema de congestionamento.

É claro que existem alguns pontos negativos que vão surgir com a disposição que se vem fazendo dos sinais luminosos na W3. Em primeiro lugar haveria a perda de uma grande área de estacionamento criando um problema para o futuro, logo hoje em dia em que o problema do estacionamento exige providências urgentes das autoridades de trânsito. Os sinais deveriam ser colocados antes dos cruzamentos saídas das quadras com a W3 sem necessidade de se retirarem os estacionamentos do meio. Em segundo lugar a instalação de semáforos, dessa forma, dificultará o rápido acesso a lugares relativamente próximos.

Educação e os Mídia

Espera-se que já seja possível lançar ao ar no início de 1975, a primeira universidade aberta do país e um curso de aperfeiçoamento destinado aos professores.

A intenção do Ministro Ney Braga de utilizar as emissoras de televisão para a transmissão de curso pré-vestibular parece uma solução louvável na tentativa de democratizar o ingresso nas universidades.

O Ministro da Educação e Cultura tem debatido com autoridades do Ministério das Comunicações a utilização do rádio e da TV na difusão desses cursos preparatórios. Sugerem os técnicos o aproveitamento do horário ocioso das emissoras de televisão, para a transmissão de aulas e provas simuladas, em vídeo-tape preparados pela PRONTEL. Por outro lado, o Ministro determinou que se estude com urgência a viabilidade de se estender a todo o país a experiência da TV Educativa lançada no Maranhão, no governo José Sarney.

Governador: como se escolhe

Há cerca de um mês atrás, um Senador da República começou a percorrer o Brasil, com a específica missão de ouvir as preferências das lideranças políticas locais sobre os nomes que gostariam de ver, a partir do próximo ano, a frente do Governo em seus Estados.

Ele tem 48 anos de idade, é bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil e possui uma vida pública pontilhada de cargos, sendo que uma de suas características foi a rápida ascensão ao cenário político nacional. De deputado estadual a Governador do Piauí pela extinta UDN, Petrônio Portela conseguiu chegar à presidência nacional da ARENA.

Nessa sua rápida escalada, Portela, ainda novo, se elegeu para o Senado, onde sucessivamente exerceu o cargo de Presidente do Senado Federal, e agora o de Presidente Nacional da ARENA, sucedendo o falecido Senador Filinto Muller.

OTIMISMO

Para conseguir tal façanha, Portela contou principalmente com uma admirável sagacidade política e uma grande dose de maleabilidade. Em sua bagagem, além de um exagerado otimismo e de muita vaidade o Presidente Nacional da ARENA carrega o título de "agente do Presidente Geisel" e uma espécie de palavra mágica que serve como principal justificativa para sua missão: "o consenso".

Como tem seguidamente manifestado, sua missão é a de "coordenar" a escolha dos novos Governadores, sendo que, para isso, é necessário que exista o consenso. Explicando melhor (ou pior?) ele próprio sugere que todos os interessados "Dancem a mesma música, no mesmo tom, em um espaço limitado", para que assim se alcance as boas graças e sua missão obtenha o sucesso tão almejado.

Apontado por um opositorista como sendo "uma espécie de Kissinger sudese desenvolvido", ou por um correligionário como "mago da política brasileira", o Senador piauiense não perde tempo. Logo que chega as Capitais, ele inicia um interessante ritual, que imprevisivelmente termina no Palácio do Planalto.

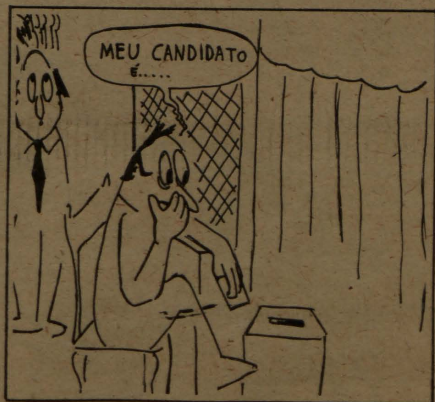
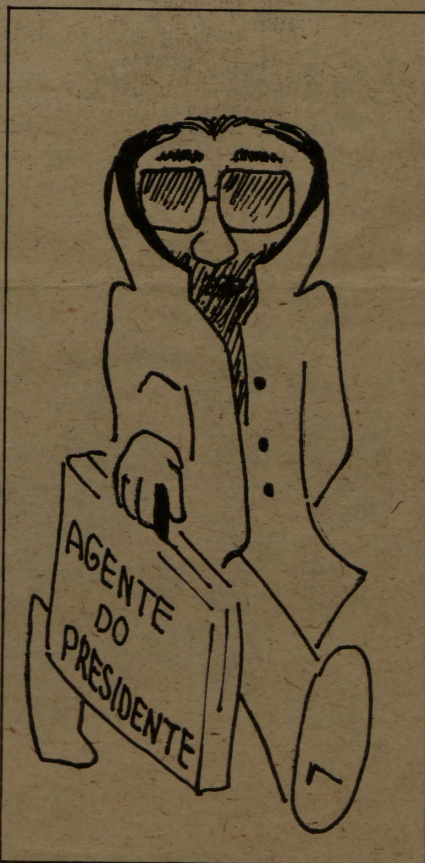
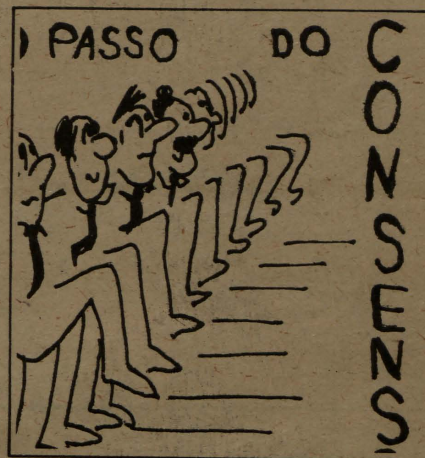
Numa sala por ele mesmo apelidada de "confessionário", Portela recebe um a um, os nomes relacionados por uma lista previamente selecionada pelos Diretórios Regionais (Até hoje nunca superior a 60). Cada um escreve três nomes de sua preferência em um pequeno cartão, devidamente rubricado pela Secretaria Executiva do Partido.

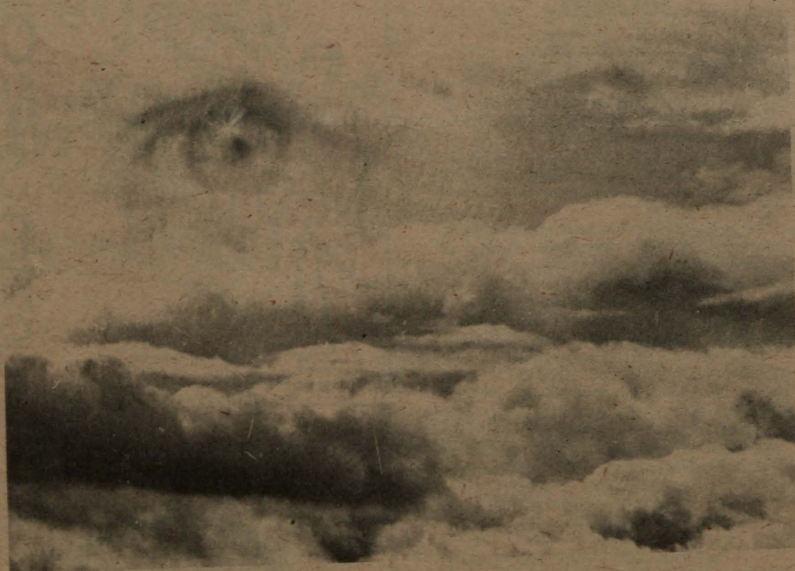
Terminada a primeira parte do ritual, segue-se a segunda. Portela fecha sua maleta executiva com o material colhido e embarca de volta a Brasília, onde aguarda ser convocado ao Palácio do Planalto.

Recebido em audiência, ele faz um relato pormenorizado de tudo que viu e ouviu, transmitindo suas impressões sobre a situação política de cada Estado.

CONSENSO

Daqui por diante, fecha-se o pano. O personagem até agora principal, retira-se da cena, dando lugar ao "mistério". Sabe-se apenas que nesta fase do processo, dentre os numerosos pretendentes procura-se saber aquele que melhor representa o "consenso", isto é, quem durante a vida pública melhor acompanhou a mesma música, no mesmo tom em um espaço determinado. São pesados os prós e os contras, as possíveis virtudes, os inúmeros pecados e finalmente, o número de votos recebidos.





Pontos de Vista

alain



Fim de semana em Brasília: opções

Camping é uma ótima maneira de se divertir, descansar, participar da natureza, e, ao mesmo tempo não gastar muito nem ter de aturar a formalidade dos hotéis. É uma atividade coletiva esportiva ou turística, que consiste em viajar e acampar ao ar livre, com o equipamento necessário — barracas, lampião, "sleepbags", e as mil coisas que couberem na imaginação de cada um.

Originado na Grã-Bretanha no fim do século passado, o Camping é um esporte que começou a se desenvolver organizadamente só há pouco tempo. Chegou à França, espalhou-se pelo Estados Unidos e daí para todo o mundo. Contudo, mesmo sendo recente, o Campismo europeu ou americano é muito mais desenvolvido em material, equipamento e instalações do que o nosso.

No Brasil, o Camping surgiu de forma pitoresca (se é que existe algo mais pitoresco do que o próprio ato de acampar!). As classificações do escotismo (lobinho, escoteiro junior, escoteiro senior e pioneiro) traziam certas complicações aos que atingiam o estágio final: os profundos conhecimentos na arte de usar os recursos da natureza era algo apaixonante que todos os pioneiros queriam continuar, acompanhados de outros amigos ou da família. Porém, num campo de escotismo a liberdade era muito restrita e já não atendia o espírito aventureiro dos que tinham mais de 20 anos. A solução foi iniciar a prática de recreio em Camping — o Campismo brasileiro.

Atualmente existem aproximadamente 90 parques de Camping em todo o Brasil, com boas, médias ou más instalações. Surgiu um sem número de clubes, sendo poucos os bons.

Para o Sr. Carlos Nascimento, Diretor do Camping Clube do Brasil em Brasília, a abertura de novas estradas é a principal causa do desenvolvimento que o Campismo vem tendo nos últimos quatro anos. As opções aumentaram, as facilidades apareceram e a maneira mais prática e econômica de lazer tornou-se o hábito de muitos.

Praias ou montanhas, as áreas de Camping sempre aproveitam os atrativos naturais das regiões brasileiras. Banhos de mar, lago ou rio, pescarias novas amizades, uma série de opções além da possibilidade de se conhecer outros lugares que não os de todo dia.

ÁREAS DE CAMPING

Em locais já famosos e mais conhecidos ou nos menos explorados, os parques de Camping já começaram a se estender do sul até o norte.

O Camping da Barra, no Rio, é o mais moderno dos prontos. As instalações são

mais sofisticadas e o campista tem o conforto dos terminais de luz e esgoto, além da praia maravilhosa e da proximidade com as delícias cariocas.

Tido como um dos mais belos do Brasil, o parque de Camping de Florianópolis pode abrigar até 300 barracas. Localizado perto da Lagoa da Conceição e de algumas das praias da Ilha de Santa Catarina, é confortável e de fácil acesso.

Uma ida à Foz do Iguaçu, com um bom equipamento para enfrentar o frio, vale a pena porque oferece um roteiro com várias opções para a viagem de ida e de volta. As Cataratas, a Ponte da Amizade, as compras na fronteira fazem os trativos do passeio, estando-se bem instalado num Camping de construção padrão.

Araruama, Campos do Jordão, Guarujá, Salvador, a escolha é difícil. Contudo, basta pegar um rumo ou uma meta e sair explorando todos os parques de Camping por esse Brasil afora.

Os moradores de Brasília estão sempre reclamando da inexistência de lugares para passar os fins de semana. Reclamam da falta de praias, da deficiência dos clubes, que quando bons possuem títulos que custam pequenas fortunas, infelizmente fora de cogitação à bolsa da maioria. O remédio é ficar em casa ou acabar indo aos lugares de sempre, voltando mais aborrecido e cansado que antes.

Os clubes, durante os fins de semana, estão sempre apinhados; correrias, gritarias, filas para comprar um refrigerante, brigas para disputar uma vaguinha na pelada, o que em nada alivia o cansaço de uma semana de rotina e trabalho.

A solução não está muito longe. Há muito tempo as pessoas que procuravam um meio de fugir da rotina de nossa cidade descobriram que existem nos arredores, lugares onde poderiam usufruir de tranquilidade e contato com a natureza.

ACAMPAMENTOS

Para acampar, ou só ter um dia mais tranqüilo, com pouco dinheiro, pode-se passar descansados fins-de-semana. Uma barraca é necessária, caso você resolva ficar à noite fora. Os lugares onde existem campings exigem que se seja associado ou convidado, mas necessariamente não lhe obriga a acampar na área reservada. Existem amplos espaços onde tranquilamente se pode armar a barraca e usufruir das mesmas vantagens do local. É o caso de Itiquira e da Pousada do Rio Quente.

Em Itiquira, localizada no município de Formosa, há o Camping do Brasil. O título custa Cr\$ 1.500,00 parcelados em Cr\$



O Aeroporto: o início

Um sorriso, quando então as portas do avião se abrem, no Aeroporto Internacional de Brasília. Eis que uma recepcionista aguarda ao pé da escada, e os passageiros que desembarcam são encaminhados ao ônibus que os levará ao local do recebimento das bagagens: livres da chuva e do sol.

Toda a atenção é dada por parte das recepcionistas, pois há sempre momentos em que existe a necessidade de uma maior assistência para com determinados passageiros. Seja ajudando a uma mãe a descer as escadas com o seu bebê, apoiando uma velhinha, ou carregando sacolas para os que vêm mais "carregados", elas demonstram sua eficiência e presteza.

Na parte inferior do aeroporto, muitas são as pessoas que esperam ansiosas o encontro com parentes e amigos que desembarcam. E então aí que se vê o calor humano e a amizade entre as pessoas, é enfim a alegria de quem chega e a emoção de quem aguarda. Da mesma forma, um grupo é aguardado pelos funcionários das Companhias de Turismo ou por recepcionistas do próprio aeroporto (DETUR), e então percebe-se que é muito interessante conhecer Brasília.

Ainda no andar térreo do Aeroporto encontramos o Correio, o posto telefônico, a Caixa Econômica, a Agência de Aluguéis de carros, algumas agências de turismo, a alfândega, alguns toiletes e o tradicional

cafezinho. Além disso um balcão de informações, onde trabalham jovens, aptas a atender passageiros, encaminhá-los aos hotéis, ou até mesmo, em casos excepcionais, arranjar alojamentos no Anexo I do DETUR.

Assim como os passageiros são aguardados por seus familiares e amigos, as recepcionistas do aeroporto recebem os turistas com grande simpatia, prestando-lhes todas as informações necessárias a respeito de hotéis (preços, localização, etc.), companhias de transportes em geral (preços, horários, reservas), órgãos públicos, serviços de turismo, qualquer informação a respeito do aeroporto, etc.

Para o turista não deve haver dificuldade e a ele é oferecido até mesmo o diálogo em seu próprio idioma.

Num local mais reservado está a sala VIP (Very Important Person) destinada ao embarque e desembarque de autoridades civis e militares e também aos CIPIS (Comercial Important Persons).

Em caso de acidente ou mesmo de mal estar físico, os passageiros podem ser atendidos no Departamento Médico do Aeroporto de plantão 24 horas por dia.

Depois de tudo isso, o passageiro ou o turista pode tranquilamente tomar um carro e sair por aí, entregue à amplitude da cidade, ao verde dos gramados e das árvores, deslumbrando-se ante a beleza plástica da capital.

240,00 de entrada e prestações de Cr\$ 90,00. Isto se você quiser desfrutar de comodidades: banheiros, restaurante, barracas de madeira piscina de água corrente. Nada impede, porém que se acampe fora da área reservada para os associados.

A cachoeira de Itiquira mede 168 metros de altura, e fica a uma boa caminhada a pé do camping. Mas o caminho é cheio de quedas d'água naturais, e pode-se sair bem cedo aproveitando o percurso que, se cansativo, é bastante interessante e surpreendente. Além da inesperada e rara beleza do salto de Itiquira, lugares pitorescos, como uma cachoeira que encobre uma caverna, do tipo em que mora o "fantasma" das histórias em quadrinhos.

O caminho não é difícil. Fica a 70 km de Brasília, saída norte, ou seja a estrada que vai para Formosa.

Quem quiser viajar um pouco mais, pode ir à Pousada do Rio Quente, no Município de Caldas Novas, Goiás. A 380 km de Brasília, o hotel da Pousada, só é recomendado para quem tiver dinheiro no bolso e para aqueles que não podem dispensar as comodidades de todos os dias. O título custa dez milhões à vista, sem isenção de pagamento de diária de Cr\$ 50,00 para adulto e Cr\$ 25,00 para crianças. Visitantes pagam Cr\$ 120,00 por pessoa. As vantagens são muitas. Além do conforto de um bom hotel, a atração principal do local são as piscinas de água quente natural.

CABANAS

Se você tem pouco dinheiro e mais disposição, pode ficar nas Cabanas, que são pequenas casas de madeira (com banheiros).

Já restaurante no local. O título custa Cr\$ 4 mil cruzeiros, com direito a se hospedar durante 15 dias por ano grátis. Convidado paga Cr\$ 60,00 por dia.

Se há falta de dinheiro, mas muita disposição, pode levar sua barraca e acampar nos arredores. Passe antes em um supermercado compre frutas, refrescos em latas e leve um sleeping-bag e dos cobertores. O frio à noite no campo é intenso.

OUTROS

Outros lugares descobertos em Brasília, por esse pessoal que gosta da natureza, são incríveis. Eis alguns:

Cachoeira da Saia Velha; fica na saída sul, atrás do monumento, na estrada Brasília-Belo Horizonte. Ótima para banho. Linda paisagem.

Quebrada do Orus; caminho do Paranoá. Entreantes do Seminário. Vista da cidade.

Porém, é dentro da cidade que está sendo feito o maior Camping urbano do mundo. São dois milhões e trinta e oito mil metros quadrados de parque florestal, num projeto com as mais modernas facilidades para o campista. A portaria, a casa de recepção, a torre d'água para 250.000 litros já estão prontas. O plano foi traçado tentando-se uma semelhança com as Superquadras, com áreas só para circulação dos veículos e áreas só para barracas. Supermercado, barbearia, terminal para água, luz e até telefone poderão ser ligados aos trailers. Um complexo moderníssimo, com técnicas apuradas. Pertence ao Camping Clube do Brasil e tem a participação e o incentivo do Governo do Distrito Federal.



O Rádio em Três Tempos

O Seminário de Rádio, realizado durante os dias 11, 12 e 15 últimos, justifica-se como atividade anual da Câmara de Extensão quanto como uma tentativa de reavaliação em nível teórico do papel desempenhado pelo rádio na sociedade brasileira. Oportuna a sua realização na medida em que o Governo se acha revendo toda a política de radiodifusão, não só das concessões como também da implantação de novas FM's, além da reformulação em bases coerentes de emissoras que trabalham em ondas curtas e tropicais nos grandes centros.

Os três conferencistas convidados — Renato Murce, Odair Marzano e Rubens Furtado — ficaram muito aquém dos objetivos perseguidos pelo seminário, traçando, se não uma análise unilateral do papel do rádio em nossa sociedade, aspectos pitorescos e puramente descritivos. O rádio de "vender sabonetes", caracterizado por um ótica embrutecida da realidade à mercê de interesses privados, refletiu-se na linha de pensamento dos conferencistas. Marzano, por exemplo, ao optar pela transmissão de música estrangeira, justifica sua escolha devido à tecnologia de gravação, sem levar em conta o papel cultural que pode vir a desempenhar o rádio na sociedade brasileira. Murce, denotando seu pragmatismo de "velho guerreiro" em rádio, chegou a negar o papel decisivo do conteúdo televisivo na reformulação do rádio, ao exemplificar que o declínio da Rádio Nacional do Rio de Janeiro se deveu a causas puramente políticas. O tratamento deveras superficial

dado à automação e à evolução tecnológica do rádio deixou muito a esperar da audiência que se achava interessada em resolver muitos problemas nacionais concretos ligados à área de radiodifusão no Brasil, na conferência realizada pelo Professor Rubens Furtado.

Nada, ou muito pouco, falou-se sobre o aperfeiçoamento da pesquisa radiofônica, ligada, principalmente, a projetos que visam atingir as mais longínquas populações rurais brasileiras. Se descobrir várias lacunas na audiência brasileira esbarra em interesses privados, constituindo-se num desafio às rádios líderes em audiência, somente ao Governo cabe por em prática esta política de radiodifusão que, de forma alguma, interfere nos lucros empresariais há muito e tão sabiamente defendidos. Quer regionalizando o rádio e dando prioridade às transmissões em FM — tendência indiscutível — quer formulando um planejamento global que vise, pela centralização, atingir a todo o território nacional por ondas médias.

No mais, aprenderam os alunos da Faculdade de Comunicação que assistiram ao ciclo de conferências que a teorização e o interesse em resolver os principais problemas nacionais ligados à área de radiodifusão estão nascendo somente agora. No entender dos participantes, homens de empresa pública e professores deveriam, juntamente com os três conferencistas, compor o quadro realizador do Seminário de Rádio.

Experiências Relatadas

O conferencista que mais agradou aos participantes foi Renato Murce, que se não fosse pela intervenção de um dos componentes da mesa, a conferência se estenderia por horas a fio.

Mas houve tempo em que o rádio sofreu intensamente. A Censura, através do DIP, tolheu bastante o seu poder, e surgia nesta época, uma invasão de rádios clandestinas, espalhando pavor entre os ouvintes.

Só em 1942, Renato Murce pôde realizar seu trabalho maior — o poema "EPOPEIA DO MUNDO". Ele narrava, em versos alexandrinos, o medo do mundo diante do Nazismo.

Sobre o passado do Rádio, Renato Murce falou de coisas muito interessantes e desconhecidas para muita gente. Segundo ele, o rádio no Brasil teve um início bastante tumultuado. O público não se interessava e eram poucos os receptores. E à tudo isso vinha complementar a existência dos "para-queidistas" — expressão usada por ele para identificar pessoas poucas capacitadas e que tiveram acesso ao rádio e muito prejudicaram.

Mas a partir de 1930, os problemas foram diminuindo. Começou-se a fazer rádio-jornalismo realmente, pois até então, as notícias que iam para o ar, eram recortes dos periódicos. Veio também, o rádio-teatro. Renato Murce tinha um programa chamado "Horas de Outro Mundo", na Rádio Phillips, o qual deu-lhe bastante prestígio no campo radiofônico.

Em 1932, surge César Ladeira, a voz mais bonita do País, que juntamente com Renato, introduziu a literatura no rádio brasileiro. Eram comentários de livros e crônicas, e este último, retundou em um grande sucesso. A crônica "Cidade Maravilhosa". Daí, o hino da Guanabara.

Contudo, foi sem dúvida na década de 50 que o rádio brasileiro tomou maior impulso. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro possuía 70% da audiência. Nesta época ele chegou a ter três programas no ar simultaneamente, e o mais conhecido foi PAPEL CARBONO, que veio descobrir os nossos artistas contemporâneos. Entre eles: Roberto Carlos, Baden Powell, os Cariocas, etc...

Mas com o advento da TV, a popularidade do rádio caiu consideravelmente. Contudo, para Renato Murce o rádio só veio a lucrar com a televisão, pois fez com que os profissionais do rádio partissem em busca de novos caminhos. E a verdade aí está. Apesar da televisão, o poder do rádio é respeitado e dito como um dos mais penetrantes meios de comunicação de massa.

O perfil de cada um

Rubens Furtado trabalha atualmente na área de TV, como diretor da Rede de Emissoras Associadas, com 23 anos de trabalhos ligados à área de Comunicação. Em sua conferência falou sobre o "Futuro do Rádio".

Odair Marzano é chefe das 22 emissoras da Rede Associada. Faz rádio há mais de 20 anos. Trabalhou primeiro no interior, depois em São Paulo nas rádios São Paulo e Nacional e na TV Nacional. Em sua conferência, falou sobre "O Impacto da TV no Rádio e o Presente do Rádio".

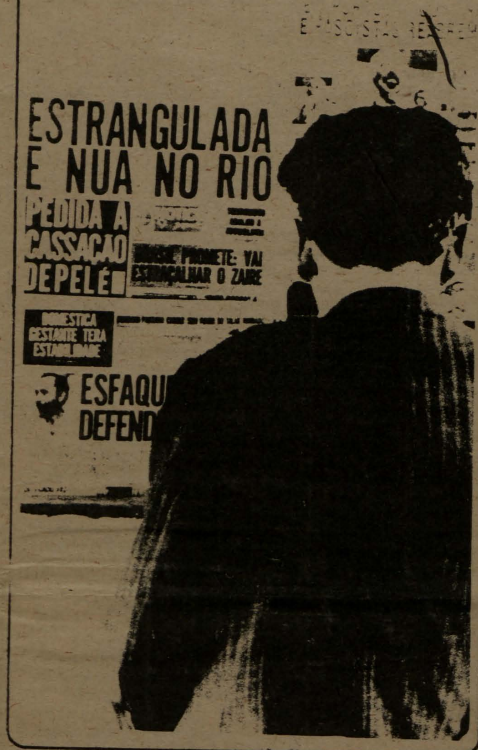
Renato Murce começou no rádio em 1924 e trabalha atualmente na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Esteve presente à primeira experiência radiofônica do Brasil, em 7 de setembro de 1922. Criador do programa "Horas do Outro Mundo", que criticava Getúlio Vargas, e do poema "Epopéia do Mundo". Renato Murce teve um recorde mundial: três programas no rádio, cada um tendo uma duração superior a 20 anos — "Papel Carbone" (programa de imitações), "Piadas do Manduca", e "Almas do Sertão".

Taxa reduz participantes

A cobrança da taxa de Cr\$ 15,00 para lunos, inclusive do Departamento de Comunicação, teria sido responsável em parte, pelo número reduzido de participantes (aproximadamente 60) no seminário de Rádio, — opina David, o Representante Estudantil. Acredita ele que a cobrança de taxas justifica-se apenas no caso de profissionais, mesmo sabendo que o dinheiro arrecadado será revertido em novos seminários. Se em cada seminário, observa David, o fato se repetir, a tendência certamente será redução cada vez mais acentuada do número de participantes.

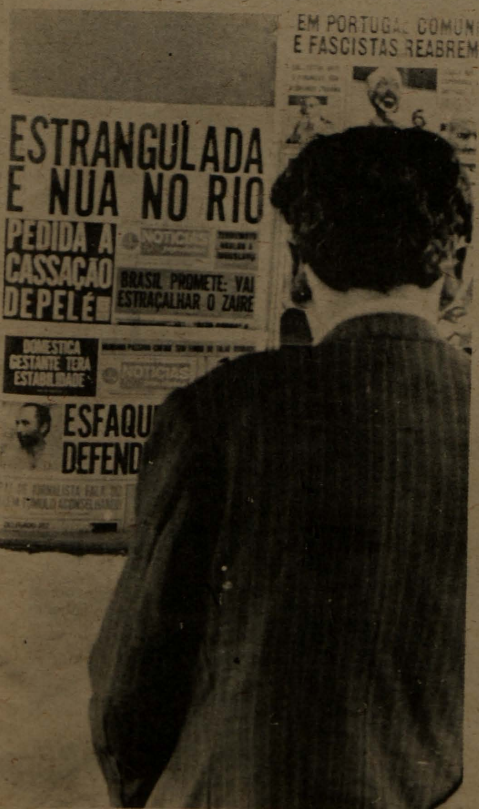
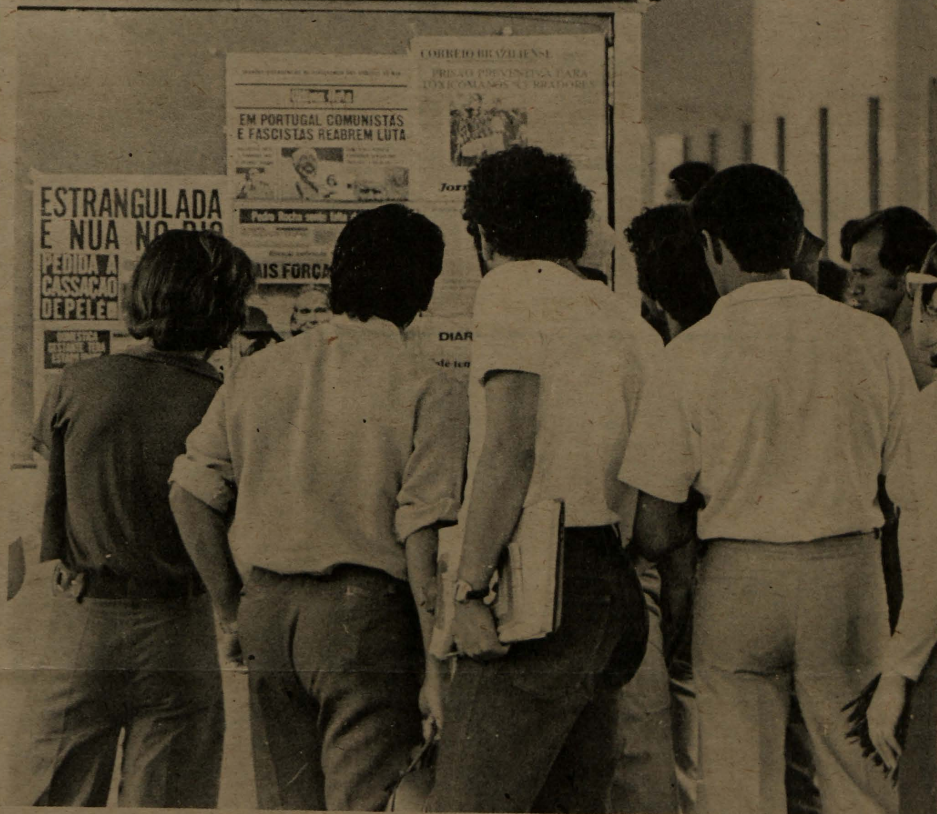


Violência na Imprensa



RICO

MICKEY



Há cerca de 20 dias o deputado Etelvino Lins (Arena—PE) fez uma visita de cortesia ao ministro Armando Falcão, da Justiça, em seu gabinete em Brasília. Não pretendia, na oportunidade, tratar de qualquer assunto político, mas apenas rever um velho companheiro de partido — os dois pertenciam ao ex-PSD —, eleito deputado pelo Estado do Ceará em duas legislaturas federais.

No entanto, antes de sair de casa para se avistar com o ministro, o velho e astuto Etelvino Lins lembrou-se de que, ultimamente, o governo vinha demonstrando preocupação em conter o excesso da chamada "imprensa sensacionalista", acusada de incitar o leitor (ou ouvinte) à prática da violência. Os principais alvos desta campanha seriam, evidentemente, jornais como "O Dia" e "A Notícia", de propriedade do governador Chagas Freitas, da Guanabara, cujas manchetes sanguinárias vêm conseguindo ótimos resultados. Além de se colocarem, muito orgulhosamente, entre aqueles de maior tiragem, estes jornais representam para o governador emodibista — mas não oposicionista — uma invejável plataforma eleitoral, graças à sua penetração em faixas mais pobres da população do Estado.

Etelvino, então, retirou do seu arquivo a cópia lesbotada de uma portaria de 12 de janeiro de 1938, de sua autoria, baixada quando ocupava o cargo de secretário de Segurança Pública de Pernambuco, durante o Estado Novo, para regulamentar justamente o sensacionalismo dos órgãos de imprensa estaduais. E, sem qualquer compromisso, "apenas a título de contribuição, entregou-a ao ministro da Justiça, depois de esclarecer, que embora antiga, a portaria não havia perdido a sua atualidade. O documento fazia uma série de considerações sobre o problema, atribuindo ao sensacionalismo na imprensa "a maior responsabilidade no obtuário por suicídio, segundo conclusões do Serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, apoiadas em frequentes observações", acrescentando que a mesma influência era exercida no "recrudescimento da criminalidade".

Determinava, finalmente, a portaria, que ficava proibido e sujeito à censura, "a cargo da Delegacia de Ordem Política e Social, o sensacionalismo da imprensa, a respeito dos suicídios e delitos, cumprindo à mesma evitar, além do mais, a seu juízo, a dramatização das ocorrências e a publicação de fotografias". Hoje, ao comentar o seu feito pioneiro, o deputado Etelvino Lins faz questão de apoiar-se em bases sólidas, explicando que "a partir desta minha portaria o índice de criminalidade, em Recife, baixou consideravelmente". E vai além, expondo um conhecimento prático: "Sobretudo no noticiário policial, muitas vezes um assassino torna-se um ídolo. E, como qualquer ídolo, este assassino arrasta consigo um grande número de admiradores".

O deputado pernambucano faz referência, ainda, ao marginal que se sente envaidecido ao ver sua fotografia nos jornais, mesmo que em circunstâncias pouco elogiosas. E arrisca uma analogia: "Assim como o político, ele sente que isto contribui para aumentar a sua popularidade". Para ele, a solução está em narrar as ocorrências policiais da forma mais discreta possível, evitando-se títulos exagerados e fotografias. No caso de suicídios, tem uma proposição mais radical: "Creio que eles simplesmente não deveriam ser noticiado, tal a influência maléfica que exercem nos indivíduos. Isso porque o leitor já problemático costuma identificar o seu problema com o da vítima, seguindo então o mesmo caminho".

Mesmo demonstrando ser, senão um profundo conhecedor, pelo menos um interessado pelo assunto, o deputado Etelvino Lins deixou o gabinete do ministro da Justiça, naquele dia, sem saber nada de concreto sobre os planos governamentais. Assim, pode ser que Armando Falcão, a partir da famosa portaria, trate de elaborar uma legislação mais atualizada para regulamentar o sensacionalismo na imprensa. Mas pode ser, também, que nenhuma medida efetiva seja tomada neste sentido, pela simples constatação de que, a violência se empregada constantemente pelos meios de comunicações, depois de um certo tempo faz com que ninguém mais lhe dê destaque. Afinal, como diz a sabedoria popular, "o povo se acostuma com tudo".

UNB: agora,



Padrão internacional

O Curso de graduação em Relações Internacionais, a ser implantado pela Universidade de Brasília no próximo semestre, deverá formar, segundo estudo realizado pelo professor Lauro Álvares da Silva Campos, "um tipo bastante definido de especialistas, pessoal de nível superior, em parte, competirá com profissionais de áreas próximas — advogados e economistas —", sendo que a outra parte "se dirigirá ao incremento de demanda por especialistas daquele nível, em decorrência do aumento de intensidade, quantidade e qualidades das relações econômicas do Brasil com o resto do mundo".

O profissional em Relações Internacionais não deverá ser confundido com os economistas, administradores e advogados tradicionalmente formados, e muito menos com os diplomatas. "A principal preocupação do curso vai ser a de equipar o profissional com um instrumento específico, adequado, à satisfação das necessidades emergentes do atual estágio de implementação do modelo de crescimento do País. Um produto híbrido-economista e advogado-meio a meio comprometerá a afirmação da nova profissão".

VIABILIDADE

Inicialmente, a Comissão encarregada de estudar a viabilidade do curso, pensou em instalar Relações Internacionais em nível de pós-graduação. No entanto, à medida em que os estudos foram se adiantando, verificou-se a conveniência de se formar na Universidade de Brasília um novo tipo de profissional. Um profissional cujas funções, serão diversas dos economistas, advogados, administradores e diplomatas; o mercado de

trabalho para esse especialista deverá ser diverso, ainda que, eventualmente, sejam numerosos os pontos de contato entre essas áreas. Nesse sentido, a posição da Comissão se identifica com a do embaixador Eulálio Nascimento Silva, para quem "o desenvolvimento implica certas coisas e o Brasil terá que recorrer a especialistas que não precisam ser necessariamente diplomatas, para resolver certas questões. Cada vez mais a política externa depende dos ministérios em conjunto e não de um único órgão e cada vez mais a política externa exige uma congregação de atividades".

O CURSO

O curriculum do curso de Relações Internacionais, segundo conclusão da Comissão, deverá estar baseado no princípio de que "o estudo dos sistemas jurídico-institucionais baseia-se numa economia do desenvolvimento e numa sociologia do desenvolvimento capazes de correlacionar as mudanças no ordenamento jurídico às modificações das relações econômicas e sociais. Para tanto, não basta o estudo comparativo das legislações in abstracto, mas exige a análise das condições reais, dos fatos, fenômenos e relações emergentes em dado contexto e que são características de certo estágio de desenvolvimento; a forma jurídica assumida naqueles contextos e sua provável forma no estágio atual e futuro de crescimento, expansão e diversificação da sociedade brasileira, deverá ser objeto específico apenas das disciplinas do Departamento de direito". (Professor Lauro Campos).

O que se pretende é que um curso de Relações Internacionais se apresente questões capazes de informar e reorientar

A partir de agosto, a Universidade passará a se interessar pela formação de técnicos para atuar, em nome do Brasil, no campo da política externa. E ganha com isso a condição de universidade nacional de caráter internacional

o sistema jurídico brasileiro sobre direito tributário, de exportação, de repatriamento do capital, rios e recursos energéticos das fronteiras, legislação mundial sobre "cartão de crédito", sobre holding, trade-companies, sobre "draw-back", sobre incentivos fiscais, sobre água e peregrinação, legislação interna sobre proibição de exportação e certos bens e proibição geral para certos países; legislação sobre leasing, sobre finanças, isenção e estímulo para exportação (MCE, ALAIC), sobre dumping e suas formas, enfim sobre todos os problemas jurídicos e econômicos que envolvem as relações internacionais.

Da mesma forma, as relações econômicas internacionais serão analisadas em nível de profundidade e grau de especialização bem maiores do que os que pode oferecer um semestre, por exemplo, de Economia Internacional. Os fluxos internacionais de mercadorias, serviços, pessoais e capitais serão analisados a partir da estrutura da produção, da estrutura ocupacional, da demográfica e do estágio de expansão, da estrutura ocupacional, da demográfica e do estágio de expansão da capacidade produtiva das diversas economias nacionais.

O Curso de Relações Internacionais deverá totalizar 180 créditos, dos quais 120 compreenderão as disciplinas obrigatórias. Serão reconhecidos os créditos do Instituto Rio Branco e levando-se em conta a exigência de mercado de trabalho potencial nos órgãos públicos, a Comissão organizadora do curso deverá se entrosar com esses setores, visando à integração maior do curso às necessidades do País e possibilitando, com isso, a absorção tranquila pela Administração Federal dos futuros graduados.

MERCADO DE TRABALHO

Segundo o professor Lauro Campos, a demanda de Relações Internacionais pelas agências de Governo existe em estado potencial, devendo, portanto, se processar uma criação de cargos e reestruturação da administração nas áreas de emprego.

A comissão fez um estudo preliminar da capacidade do mercado de trabalho, verificando que entre as necessidades reais do mercado e as que podem ser motivadas, os setores público e privado, bem como a administração indireta, deverão absorver de imediato,

2.470 graduados em Relações Internacionais.

Por enquanto, existem oportunidades reais de trabalho no Conselho das Relações Internacionais de Comércio, capital e câmbio, no Conselho Nacional de Turismo, no Grupo Executivo da Indústria Metalúrgica, no Grupo Executivo das Indústrias de Fiação e Tecelagem, no Conselho de Desenvolvimento Comercial, no Instituto Brasileiro de Café, no Instituto do Açúcar e do Alcool na Embratur, na Superintendência de Seguros Privados, no Instituto Nacional da Propriedade Industrial e na Superintendência da Borracha. Isso, apenas na área englobada pelo Ministério da Fazenda.

Da mesma forma, os Ministérios de Minas e Energia, do Planejamento, do Transporte, da Agricultura, das Comunicações e Educação, bem como o Gabinete Civil da Presidência da República, o Serviço Nacional de Informação, o Dasp, a Consultoria Geral da República, o Conselho Nacional de Pesquisa, o Poder Legislativo e o Poder Judiciário além das autarquias federais, deverão absorver, em diversas áreas, os graduados em Relações Internacionais, que de um modo ou de outro, a exemplo dos diplomatas, se encarregarão de desenvolver e orientar a política externa brasileira nesses setores.

Ainda de acordo com os estudos do professor Lauro Campos, a criação ou ampliação de departamentos, seções ou diretorias de Relações Internacionais no âmbito das empresas privadas é função da natureza de sua atividade e do dimensionamento de suas unidades de produção de bens e serviços.

Por isto, algumas empresas médias de turismo, de exportação, de importação — apresentam maior potencial de ocupação de graduados em Relações Internacionais do que outras de maior dimensão voltadas para atividades internas — pecuária, agricultura, comércio interno, serviço de âmbito urbano ou regional e construção civil".

Das 100 maiores empresas do País, 94 tem menos de 1.000 empregados; 96 delas apresentam oportunidades de emprego em Relações Internacionais.

Das 1.254 maiores, 35% mostram-se potencialmente capazes de absorver graduados em Relações Internacionais, o que mostra a garantia prévia de trabalho para os futuros formandos, cuja primeira turma se inicia no próximo semestre.

